

A woman is shown from the waist up, wearing a blue, short-sleeved dress with a subtle pattern. She is positioned against a background of a blue and white damask or paisley pattern. The lighting is soft, highlighting the texture of the dress and the background.

FRONTEIRA DA PAZ

Chirlei Wandekoken



FRONTEIRA DA PAZ

Chirlei Wandekoken

Copyright © 2017 *by* Chirlei Wandekoken.

Texto adaptado à nova ortografia da Língua Portuguesa, Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008.

Revisão: Sônia Carvalho

Direção de arte: Eduardo Barbarioli

Capa: Jessica Gomes

Imagem: Shutterstock

Consultoria Rodovera/ Publicação digital www.rodovera.wix.com/consultoria

Reservados todos os direitos desta produção. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa da Pedrazul Editora, conforme Lei nº 9610 de 19/02/1998.

PEDRAZUL EDITORA

Caixa postal: 645 – AGF Fernando Ferrari – Vitória-ES. CEP: 29075-972.

www.pedrazuleditora.com.br

O quarto livro da série Quarteto do Norte

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO I](#)

[O pirata do Mediterrâneo](#)

[CAPÍTULO II](#)

[Aprendendo a ser cortesã](#)

[CAPÍTULO III](#)

[O naufrágio](#)

[CAPÍTULO IV](#)

[A loucura de Auckland](#)

[CAPÍTULO V](#)

[Sem nome nem memória](#)

[CAPÍTULO VI](#)

[A Casa da Festa](#)

[CAPÍTULO VII](#)

[Fogo da Minha Vida](#)

[CAPÍTULO VIII](#)

[Uma felicidade chamada Anandi](#)

[CAPÍTULO IX](#)

[A escrava branca](#)

[CAPÍTULO X](#)

[O reencontro](#)

[CAPÍTULO XI](#)

[O resgate](#)

[CAPÍTULO XII](#)

[O retorno](#)

[CAPÍTULO XIII](#)

[Fronteira da Paz](#)

[CAPÍTULO XIV](#)

[O futuro duque de Chalbeneys](#)

[CAPÍTULO XV](#)

[Leanah e Anandi](#)

[LEIA TAMBÉM](#)

[ENCONTRE A AUTORA](#)

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

PRÓLOGO

Inglaterra, Londres, ano de 1837.

Montando O'Doherty, um enorme alazão de pelo avermelhado, lorde Robert Percy era a fusão perfeita com o animal, cujo nome gaélico Ó Dochartaigh significava o destruidor. O lorde não lhe dera este nome por acaso, o animal era mesmo feroz, o mais ágil entre todos os cavalos dos estábulos das muitas propriedades do clã Percy, uma nobre família ancestral do Norte da Inglaterra. Naquele momento, o estado de espírito do lorde era tão destruidor quanto O'Doherty. Havia saído de Northumberland House, a casa da família em Londres, havia duas horas e não tinha reduzido a marcha em um só instante. Seu animal já espumava, dava sinais de extremo cansaço, mas a revolta do lorde não tinha arrefecido nem um milímetro. Seus olhos verdes estavam escuros, quase como uma floresta fechada de um país tropical, uma fenda de ódio, e seu corpo jogado para frente, numa posição de ataque, demonstrava toda a fúria que lhe ia à alma.

Seu destino era o Sul, Hampshire, a vila de Otterbourne, uma propriedade chamada Border Peace Park, um lugar importante para ele e para toda sua família, pois o nome fora dado por um parente medieval, Sir Percy Hotspur, o segundo conde de Northumberland.

A terra, que recebera o nome Fronteira da Paz, tinha saído do domínio Percy e fora comprada por lorde Robert muitos anos depois da medieval Batalha de Otterbourne, travada por esse ancestral parente em agosto de 1388, no Norte da Inglaterra, com as tropas escocesas do conde de Douglas, lorde James. O nobre escocês havia proibido a caça em suas terras e atacara o exército inglês do lorde Henry Percy Hotspur, o filho mais velho do primeiro conde de Northumberland, pois havia interpretado a caçada liderada por Sir Percy na fronteira como uma invasão à Escócia. Todavia, todos na família Percy sabiam que a verdadeira versão da história era outra: Sir Percy Hotspur e o conde escocês James Douglas tinham lutado por causa de uma dama. Em Border Peace Park, o vencedor da batalha, Sir Percy, vivera com a mulher que ele escolhera para si. Embora a história de amor de Sir Percy e Mary Evans tenha acontecido há muitos anos, lorde Robert gostava de pensar que Border Peace Park seria sempre o local onde o amor reinaria e para onde ele pretendia levar a dama que ele escolhera para ser sua esposa.

Mas tudo dera errado. Muito errado. O que deixava o descendente do guerreiro medieval com a mesma fúria de seu parente.

Lorde Robert era o único irmão de Edward Percy, o nono conde de Northumberland, que tinha o mesmo apelido de seu parente medieval, conde Hotspur. Essa característica imperiosa, contudo, parecia permear todos os homens do clã Percy, pois lorde Robert naquele instante possuía o ímpeto da destruição. Até então fora um jovem bastante pacífico, risonho, mas agora ele travava a sua própria luta e não havia sinal de riso em sua face.

Traído pelo próprio tio, lorde Mortimer, ele caíra numa armadilha e fora obrigado, por honra, a casar-se com uma prima a qual detestava.

Os clãs Northumberland, Neville e Mortimer há gerações casavam entre si, uma tradição medieval para fortalecer as famílias que chegara à modernidade do século dezenove. Seu irmão Edward também fora prometido a Harriet Neville, mas, por sorte, não cumprira a promessa, pois a prima tinha se apaixonado por outro. Lorde Robert, contudo, não tivera o mesmo destino.

Seu pai, antes de morrer, havia negociado o seu casamento com Charlotte Mortimer, cuja mãe fora sua tia, uma Neville. Entretanto, ele nunca pretendia cumprir tal promessa, pois seu pai fora um nobre cuja palavra não merecia ser cumprida. Mas lorde Mortimer lhe colocara numa situação terrível e ele tivera que honrar a moça. Na verdade, lorde Robert sabia que tinha sido ingênuo e isso era o que mais o enfurecia.

– Preciso parar, senão vou matar O'Doherty – disse para si mesmo –, não é meu animal que desejo matar.

Com 28 anos, o lorde pretendia casar-se com lady Leanah Douglas, a única irmã do lorde Davy, o conde Douglas, um representante da antiga família inimiga do seu clã e, especialmente um arqui-inimigo de seu irmão conde. Mas quando, finalmente, o conde Douglas e seu irmão concordaram com o casamento, ele estragara tudo. Lorde Robert se culpava. Fui um crédulo, um tonto, um incauto. Só mesmo um imbecil simplório entraria no quarto de uma dama. Um trouxa, isso sim. Agora um idiota casado. Por que eu não imaginei coisa semelhante? A notícia de que eu e Leanah íamos ficar noivos estava de boca em boca em Londres. Era previsível que eles fizessem algo. E fizeram: Lorde Robert havia recebido uma carta do tio, na qual o lorde o convidava para um encontro na Casa Mortimer para tratar de negócios envolvendo a Rapallini Maritime Trade, empresa que lorde Robert detinha ações, juntamente com seu irmão e os duques de Belvoir e Pudhoe, cuja frota de navios fazia diversas rotas em toda a Europa e até a rota da

Índia. Mas ao chegar lá no horário combinado não encontrara o tio em casa. Já estava indo embora, quando uma ama começara a gritar dizendo que sua prima Charlotte – a maldita prometida – estava tendo um ataque qualquer, ele não entendera bem qual era o mal, pois a ama gritava de forma histérica. Ele nem refletiu, subiu as escadas de três em três degraus, entrou no quarto da prima para encontrá-la completamente nua deitada na cama. Em seguida o tio aparecera do nada e entrara atrás dele, pegando-o no flagra. O resultado é que agora ele era um homem casado e com uma dama que ele desprezava.

LADY Leanah Douglas nascera em Dalkeith Castle na Escócia e era a única filha de Thomas Douglas. Sua mãe morrera quando ela nascera e seu pai há muito também já se fora. Ela sempre morara com seu irmão Davy, o conde de Douglas. Mas descobrira que este não era quem ela sempre pensara que fosse. Como podia morar com uma pessoa por tantos anos e não conhecê-la? Leanah se perguntava. Há pouco tempo seu irmão tinha se envolvido em jogatina, perdido toda a fortuna da família e, ainda por cima, tentado roubar a herança de uma prima, neta do único irmão de seu pai, Sir Hugh Douglas, um cavalheiro que fora expulso da família por motivos que, outrora, ele nada poderia ter feito para impedir. Uma injustiça, Leanah sabia. Mas mesmo exilado, nada mudaria o fato de que a prima fosse sua única herdeira. Mas seu irmão não pensava como ela. Quando o duque de Pudhoe descobriu toda a trapaça, lorde Davy fugiu para não ser preso deixando-a sem nada, cheia de credores, desmoralizada e na boca do povo.

Lady Leanah sempre fora a boa moça. Fazia tudo o que se esperava de uma dama. Desde muito jovem, ainda com 15 anos, se apaixonara por lorde Robert Percy, o irmão mais moço do maior inimigo de seu irmão, o conde de Northumberland. Mas por muitos anos, lorde Robert a tratara como se ela fosse invisível. Embora fosse considerada bela, ele não lhe demonstrava qualquer interesse. Quando completara 18 anos, ele passara a enxergá-la, tornara-se extremamente gentil com ela, mas Leanah achava que ele não a via como mulher, pois as ações do lorde para com ela não passavam de cordialidades. Quando se encontravam nos bailes, nos jantares dançantes, às vezes ele a tirava para dançar. Mas ao passo em que ela ardia de paixão por ele, o lorde a via como uma Douglas, uma moça com quem ele não devia se envolver amorosamente.

Certa ocasião, na casa do duque e da duquesa de Pudhoe, quando ela já completara 23 anos e havia dito não a muitos pretendentes à espera dele, lorde Edward Percy disse para quem quisesse ouvir que um Northumberland jamais se casaria com uma Douglas. Ela estava perto e ouviu tudo. Foi muito constrangedor, pois todos os presentes olharam em sua direção, inclusive lorde Robert. Pela primeira vez, Leanah sentiu os olhos dele presos aos dela. O que ele vira além de todo o seu constrangimento? Amor. Daquele dia em diante ele mudara para com ela.

Agora quando, finalmente, após ser considerada por todos como uma solteirona, ela achava que iria realizar seu sonho e casar-se com ele, lorde Robert se casa às pressas com sua antiga prometida, uma prima por parte de mãe.

Estava tudo acabado. Para sempre. E ela estava perdida.

Leanah não tinha mais dinheiro e nem onde morar. Em um mês, ela teria que entregar Douglas House para seu novo dono. O irmão havia perdido até a casa ancestral da família. O que faria? Nunca trabalhara na vida, não sabia fazer nada. Na mente angustiada de Leanah, o lorde tinha feito aquilo para fugir da promessa de casar-se com uma dama cuja vergonha alcançara.

– Ele não podia ter feito isso comigo. Por que me beijou e acariciou daquela forma então? Disse que se casaria comigo e agora... que culpa tenho eu das ações de Davy?

Lady Elizabeth Douglas, a filha do tio que fora exilado por sua família, era a sua única esperança. Se tivesse sorte, a cortesã regenerada lhe ensinaria a se vingar. E ter como sobreviver.

CHARLOTTE Mortimer acordara num dia bem cedo com a sensação de que fora espancada. A última coisa da qual se lembrava era de que sua ama havia lhe dado um chá muito amargo, o qual ela disse que afinaria sua cintura. Sua cintura continuava a mesma, mas sua cabeça parecia ter aumentado cinquenta vezes de tamanho. Ao chegar à sala para o desjejum, o pai lhe comunicara que ela fora desonrada pelo seu primo, lorde Robert, e que eles teriam que se casar.

– Desonrada? Como? Não vejo lorde Robert há meses? Não acha que se eu tivesse sido desonrada eu me lembraria? – Charlotte se lembrou da esplêndida aparência do alto primo de olhos tão verdes que mais pareciam

uma floresta fechada. O jovem tinha puxado à mãe, era o que diziam, tinha a pele morena, porém, clara, fartos cabelos negros e conseguia ser tão ou mais belo que o irmão conde. Ela levou um susto quando seu pai bradou: – Você é uma desavergonhada. Eu o peguei em seu quarto ontem à noite e você estava nua na cama.

– Eu? Nua? Impossível! – e Charlotte se lembrou do chá –, onde está a Mary? – ela gritou enfurecida.

– Demitiu-se – gritou o pai em resposta –, não é para menos, que ama vai querer trabalhar para uma devassa como você?

– Pela primeira vez na vida, Charlotte não soubera o que dizer. Sempre fora uma pessoa que gostara de dar a última palavra, mas a moça de 22 anos ficara muda. Compreendera tudo. O seu próprio pai lhe criara uma armadilha. Coitado de Robert! Ela pensou, estremecendo.

Os acontecimentos após essa conversa se precipitaram como uma grossa enxurrada de lama morro abaixo. Um clérigo fora trazido às pressas a Casa Mortimer, lorde Robert chegou em seguida e sequer olhou para ela, tinham balbuciado os votos, ambos de cabeça baixa, ela cheia de hematomas, olhos inchados de tanto chorar, pois o pai havia lhe dado uma surra quando ela se rebelara dizendo que não se casaria à força, e agora ela era uma mulher casada. E virgem. E sozinha, pois o primo não consumara o casamento. Logo após a breve cerimônia, quando lorde Robert fez menção de ir embora, seu pai indagou-lhe se o primo marido não subiria ao quarto da mulher. A resposta que Charlotte ouvira da parte dele estava latente em sua memória: – Juro pela minha vida jamais tocar um só dedo nela, afinal, já não a deflorei?

E foi-se.

CAPÍTULO I

O pirata do Mediterrâneo

Assim que lorde Robert saiu batendo a porta na cara do mordomo, deixando lorde Mortimer sem fala, Charlotte precipitou-se escadaria acima para preparar uma trouxa. Fugiria. Ali ela não ficaria. Seu próprio pai, por causa de dinheiro, havia conspirado contra ela. E quase a matado de tanto bater. Antes que ele lhe obrigasse a ir para Border Peace Park, para a propriedade do marido, ela escaparia. Pelo ódio que vira nos olhos do primo, ele a mataria em Hampshire e a enterraria em qualquer canto debaixo de uma árvore em Otterbourne, isso senão a jogasse aos jacarés. E se não matasse por causa do casamento forçado, mataria depois quando eles comessem a brigar, pois Charlotte sabia: ela brigava com todo o mundo.

Do esconderijo na parede ela tirara o dinheiro que recebera da mãe – o seu dote – dinheiro que o pai procurara a vida toda. Amarrou-o à cintura e esperou o melhor momento para a fuga. Da janela ela viu o cavalo do pai saindo do estábulo. Ele estava montado. Certamente iria atrás do sobrinho. Desceu as escadas esbarrando-se no mordomo. Deu-lhe um empurrão, jogando-o longe, abriu a porta e correu.

Embarcaria para a França e de lá iria para outro lugar. Talvez uma das colônias inglesas na América do Sul. Tudo lá era selvagem e ela tinha nascido assim. Então estaria em casa, pois ela não combinava com as submissas inglesas, muito menos com as elegantes francesas. Ela era Charlotte Mortimer, sem nenhuma vaidade, mas uma dama corajosa e de personalidade aguerrida.

Entrou num coche de aluguel e negociou como cocheiro para que a levasse até o porto de Dover. Não pensaria nas dificuldades que encontraria pelo caminho. Se pensasse, desistiria. E ela não podia desistir. Não tinha quem a protegesse. Seu irmão mais novo, Frederik, o único que ela podia contar, tinha saído de casa havia alguns meses e ela nunca mais o vira.

Na longa viagem de Londres a Dover ela ponderava no que faria. Precisaria de um nome falso para começar. O dinheiro do seu dote daria para ela viver por vários meses. Se vivesse bem modestamente, e, ela assim o faria, anos.

– Enquanto isso eu arrumo um trabalho – disse para si mesma mordendo uma de suas unhas. Posso dar aulas de Inglês. Francês também, se meus

empregadores não forem muito exigentes. Pensou.

Sua cabeça latejava. Aquele maldito chá! O que teria nele? Sonífero, com certeza. Estou quase dormindo sentada.

Dormiu.

Acordou em Dover com o cocheiro a sacudindo pelo braço.

– O King's Head Inn – o homem apontou para a construção.

– Hã? – ela perguntou ainda sonolenta.

– Chegamos, moça. É aqui que deixo todo mundo que vem pra Dover.

Ela desceu. Certificou-se de que a bolsa de dinheiro ainda estava em sua cintura e caminhou em direção ao edifício de dois andares. Embaixo era uma taberna e em cima uma estalagem. Já era noite e o vento marítimo de início de primavera soprava frio.

Foi somente neste momento que ela deu-se conta de que estava faminta. Mas antes tinha que certificar-se da hora em que o navio zarparia para Calais no dia seguinte. Depois de reservar sua passagem para o outro dia bem cedo, pediu um quarto e que a refeição fosse servida lá. Embora não tivesse medo dos estranhos que lotavam a taberna do King's Head Inn, ela temia que alguém de Londres a reconhecesse e que seu pai a interceptasse.

Demorou a pegar no sono. As imagens dos acontecimentos vivas em sua memória. A dor de apanhar do pai, ela levou à mão e tocou as partes ainda marcadas pela corda que ele usara para surrá-la. Como se eu fosse uma égua. Ela pensou. Lembrou-se do ódio que vira nos olhos do primo. Coitado, ele pretendia casar-se com outra mulher. Sentiu pena dele e de Leanah Douglas. Todo mundo em Londres sabia que aquela lady sempre fora apaixonada pelo primo. Lágrimas quentes encharcaram o travesseiro, mas ela sabia que precisava esquecer. Deixar para trás. Mágoa era como qualquer ferimento no corpo, quanto mais remoesse, mais aumentava tornando-se uma profunda ferida. Por outro lado, como um machucado qualquer, mágoa também sarava, se lhe desse tempo para a cura. Mas Charlotte jurou que nunca mais colocaria seus pés em Londres e que jamais voltaria a ver o pai. Muito menos o marido.

No outro dia bem cedo, Charlotte já estava à beira do mar aberto à espera da embarcação que a levaria até o navio distante da praia. Um carregador maltrapilho e desdentado aproximou-se dela, num inglês rudimentar, e puxou sua trouxa. Charlotte o chutou, deixando o homem muito surpreso.

– Está pensando que sou uma dama qualquer? Venha aqui que eu lhe estripo – ela tirou a faca presa à sua bota e apontou para ele. Vários outros que tentavam aproximar-se dela, afastaram-se rapidamente temendo a deusa

vermelha, como os carregadores começaram a chamá-la.

Única filha mulher em meio a vários marmanjos bárbaros, como ela chamava os quatro irmãos, não poderia ter saído diferente. Acontece que Charlotte, embora uma moça de uma beleza exótica, além de ter puxado a aparência celta de sua mãe, a massa de cabelos vermelhos, os olhos verdes, o nariz longo e estreito, o perfil reto, tinha um espírito guerreiro. Se estivesse com raiva, seus olhos teriam uma ferocidade de assustar. O fato era que ela nascera uma apaixonada por brigas. Era insolente e arrogante. Mas, como ela mesma se defendia, se não fosse assim teria sido massacrada.

Quando era mais nova, os irmãos, todos muito altos, aterrorizavam-na com suas aparências, cabelos vermelhos e imensos, vozes profundas e muito duras. Ela teve que aprender a se defender. Lutava como homem, cavalgava melhor que eles, era excelente esgrimista e, quando seu irmão mais novo, para enfurecer o pai, tinha entrado para um clube de luta, Charlotte fora seu parceiro de treinos em casa. Portanto, ela lutava como qualquer homem. De estatura grande, ela não temia nenhum homem, ainda mais que este fosse menor que ela: não apanhei à toa de Frederick, meu caro. Aproxime-se de mim e eu o matarei com minhas próprias mãos. Mentalmente ela agradeceu ao irmão pelo conselho de sempre levar uma faca na bota e pela própria faca, pois fora presente dele.

Mas no fundo, Charlotte era doce. Romântica. Aquela valentia toda era uma defesa contra um pai autoritário, perdulário, e que nunca amara os filhos. Fora criada por babás, educada por preceptoras – ou mal-educada como ela dizia – pois com a quantia que o pai pagava só lhe restavam as piores. Mas ela sobrevivera e aprendera a se defender. Mesmo que essa defesa fosse o ataque. Ela sabia que damas bem educadas não andavam com facas nas botas, que aquilo era um costume medieval. Charlotte, entretanto, gostava de levar a faca consigo, sentia-se mais segura sabendo que o metal estava à altura de suas mãos.

A travessia do canal até Calais aconteceu sem nenhum incidente. Os ventos estavam favoráveis e as quarenta e poucas milhas que separavam Dover de Calais foram atravessadas rapidamente. Ela chegou ao porto de Bassindu Paradis, em Calais, no meio da tarde.

No porto ela se informara com seu Francês rudimentar – pois tomara antipatia pela língua por causa de uma francesa ordinária que seu pai havia contratado, portanto, depois disso, ela nunca mais gostara de estudar o idioma –, sobre os próximos navios que partiriam dali.

Tinha deixado sua sina nas mãos do destino. Ela pensava assim: como sua última sorte tinha sido desfavorável, a outra, se a Providência fosse mesmo justa, lhe seria favorável.

– Uma coisa ruim antecede a uma coisa boa – disse para si mesma.

Descobrira que o próximo navio partiria em breve para a América, mas não souberam lhe informar o dia nem o horário. Para qual parte da América também não souberam dizer, pois o capitão não estava a bordo. Vários baús, caixas, containers de madeira de diversas formas estavam sendo içados, provavelmente suprimentos, o que comprovava que ele estava mesmo prestes a zarpar.

– Como faço para conseguir embarcar neste navio? – ela perguntou a um marujo.

– Só capitão saber, mademoiselle – o marujo lhe respondeu.

– Obrigada – ela falou, saindo do caminho antes que algo caísse em cima dela, e também porque os homens olhavam-na curiosos e desejosos. Seu vestido não era decotado, era simples, mas Charlotte ficaria bem-vestida com qualquer trapo. Seu corpo longilíneo possuía uma elegância natural, seu andar era feminino, seus gestos, embora decididos, eram finos.

– Preciso de uma vestimenta menos inglesa, menos feminina, uma de homem, talvez – disse ela para ninguém além dela mesma. Ela não entendia ninguém e ninguém a entendia. Lembrou-se da torre de Babel.

Caminhou para a saída do porto deixando o cais e logo foi assaltada por dezenas de crianças pedintes, umas mais jovens e outras não tão jovens assim. Temeu por sua bolsa de dinheiro. Não podia bater nas crianças. Estava no Courgain, um bairro de pescadores de Calais, onde seus habitantes falavam um estranho dialeto, uma mistura de flamingo com francês.

– Leve-me a um hotel e lhe darei uma gorjeta – ela pediu a um menininho. Falou em Francês e o garotinho parece que compreendeu as palavras hotel e gorjeta.

– Hôtel Dessin? – ele perguntou.

– Sim, sim – ela respondeu animada.

– Eu a levo – um homem alto, mal-encarado, aproximou-se dela. Quando as crianças o viram, fugiram amedrontadas. Aconteceu tudo repentinamente. Charlotte tentou alcançar a sua faca, mas ele foi mais ágil, agarrou-a pelos braços e puxou sua trouxa, fugindo correndo em direção às docas.

– Maldito ladrão – ela disse em inglês.

– O que ele levou? Agarre o desgraçado e traga-o para mim – uma voz

profunda e dura gritou muito próxima a dela.

Charlotte sobressaltou-se e olhou para o estranho. Ele era muito alto e parecia ser um morador do Mediterrâneo, com sua voz ressoante e profunda.

– O que ele levou? – ele repetiu a pergunta.

– Minhas roupas.

– Está ferida?

– Não.

– Seus braços – ele disse, levando uma das mãos morenas e queimadas pelo sol às marcas vermelhas da surra que a corda do pai deixara neles.

– Dói? – ele perguntou.

– Não – respondeu ela e olhou para ele temendo que o estranho descobrisse que aquelas marcas não foram deixadas pelo ladrão. Mas eram as marcas da sua vergonha, de um espancamento por cordas. O homem de cabelos espessos e pesados, que os amarrava em um curto rabo de cavalo, percebera que o simples toque de um ladrão não deixaria marcas tão profundas como aquelas, mas nada falou. Ela ficou grata ao exótico e lindo espécime masculino.

Charlotte observou que ele usava um cordão dourado no pescoço, um bracelete de ouro no braço direito e que parecia um pirata. Ela estremeceu, pois os olhos verdes do pirata eram aterrorizantes. Seu nariz celtic era longo, grande e com uma ponta proeminente. Seu perfil era quadrado. O cabelo variava de cor conforme o sol incidia sobre ele, de um castanho-negro a cinza-loiro. Ela observou que os olhos pareciam misturados com luz, pois brilhavam imensamente na medida em que ele olhava para ela. Constatou também que seu tendão era poderoso e quando seus homens voltaram dizendo que o ladrão tinha escapado pelas docas, os olhos do pirata demonstraram uma terrível ferocidade.

– De onde vem e para onde vai? – ele lhe perguntou, sério. Charlotte, pela primeira vez em sua vida temeu alguém. Não respondeu de imediato, pois tinha certeza que sua voz sairia trêmula e ela não queria que aquele pirata achasse que ela estava com medo dele. Como ela não respondesse, ele afirmou: – Está sozinha e com medo de mim.

Ela percebeu que embora nenhum sorriso aparecesse nos lábios do pirata, os olhos dele riam dela.

– Medo? De forma alguma, senhor. Eu nunca temi coisa alguma.

– Uma inglesa corajosa – ele riu, dessa vez, abertamente e ela percebeu que os dentes dele eram brancos. O contraste com sua pele bronzeada dava-

lhe um lindo sorriso. Ele percebeu que ela o avaliava.

– Como sabe que sou inglesa?

– Idioma, modos e pelo vestido.

Ela bufou. Em Londres ela era chamada de escocesa, de guerreira das terras altas, e ali aquele cavalheiro pirata a tomava por uma típica inglesa. Resolveu testar o conhecimento dele dos povos.

– Sou escocesa – mentiu.

– Não é – ele respondeu categoricamente e ela o olhou assustada.

– Como pode afirmar isso? – ela refutou, encarando-o.

– Por que não me diz a verdade?

– Está bem. Mas vamos começar pelo senhor. Quem é?

– Concordo, mas não aqui no meio da rua. Este bairro é perigoso para uma dama sozinha. Vamos. Estou hospedado no Hôtel Dessin.

Ele caminhou ao seu lado, sempre interceptando com sua enorme estatura qualquer um que tentasse aproximar-se dela. Atrás dele, Charlotte observou que quatro homens, tão altos como ele, faziam uma espécie de paredão entre eles e os moradores de Calais. Quando chegaram ao hotel, ele pediu um quarto para ela. Em seguida, falou em um dialeto que ela não compreendeu, e uma mulher a olhou de cima a baixo.

– Vestidos – ele disse. – Pedi a ela que lhe trouxesse vestidos para mademoiselle escolher. É mais seguro experimentá-los no hotel.

– Obrigada. Eu estava mesmo querendo roupas menos inglesas.

– Então é mesmo uma inglesa.

Ela balançou a cabeça concordando. Ele nada disse, tocou de leve no braço dela direcionando-a a uma mesa, e puxando-lhe uma cadeira. Chamou a atendente e pediu algo para que eles comessem.

– Sou Dubhda Aedh Garvery, mas meus marujos me chamam de capitão Garvery – disse ele.

– Capitão? De algum navio?

– Sim, do Garbh.

– Mas é o navio com a bandeira da Inglaterra que eu vi no porto... – ela disse, surpresa com a coincidência.

– Sim, sou inglês e sou o capitão do Garbh.

– Mas isso é uma ótima notícia! – exclamou Charlotte de forma espontânea e impulsiva, como era de seu feitio, mas arrependeu-se em seguida.

– Por que é uma ótima notícia? – ele perguntou. Ela, contudo, não

respondeu e mudou de assunto: – Não parece inglês... seu nome também não é inglês, embora tenha traços celtas a sua pele é...

Ele riu da franqueza dela.

– É o sol. Embora a minha mãe tenha sido morena, meu pai era como você. Minha mãe é da América.

– Seu nome também é estranho...

– Ainda bem que eu tenho uma excelente opinião de mim mesmo, senhorita. Já desdenhou da cor da minha pele e agora do meu nome – ele riu novamente e ela foi obrigada a rir também. Ele olhou para sua boca por vários instantes. Ela ficou desconcertada.

– Não desdenhei da cor de sua pele. É linda... – ela interrompeu, ruborizando. Malditos rompantes que não lhe davam tempo para pensar antes de falar. Estava sozinha, numa terra estranha, acabara de ser roubada, estava com um estonteante pirata de quase dois metros de altura e o chamara de lindo. O que ela queria? Ser violentada?

– Meu nome é Brian, mas ninguém me chama assim. Há anos não ouço alguém me chamar por este nome, prefiro Dubhda Aedh Garvery, combina mais comigo, a velha lontra-marinha.

– Não parece velho, muito menos com uma lontra – ela disse e ele riu.

– Isso foi um elogio? – ele perguntou. Ela desconversou e mudou de assunto. Estava flertando com ele.

– Tem algum significado o seu nome, senhor? Parece gaélico – ela disse.

– Sim. É gaélico. Veio da expressão Aedhda Dubhda-Aedh, que significa “o escuro” – ele sorriu e ela também.

Como ela se mantivesse calada, examinando-o, ele continuou: – E Garbh é a abreviação de Garvery. Significa áspero ou desagradável.

– Por que tanta ‘simpatia’ para um nome de um navio e do seu capitão?

– Marujos não podem ser simpáticos, madame. Têm que ser guerreiros. Há muitos perigos no mar.

– Perigos? Quais perigos, capitão Garvery?

– Piratas é um deles.

– É um pirata, Mr. Garvery?

– Pareço um? – ele perguntou, sorrindo. Ela sorriu e não respondeu. Já havia lhe ofendido duas vezes.

– Agora é a sua vez. Não me disse como se chama.

Ela ficou vermelha. E agora? Aquele homem era perigoso. Mentira para ele dizendo que era escocesa e ele lhe refutara imediatamente. Precisava que

ele lhe levasse para a América em seu navio. O que faria? Certamente não podia enfurecê-lo, nem contrariá-lo. Teria que falar a verdade. Mas contar a verdade lhe deixaria muito exposta. Ele era inglês, e se conhecesse o seu pai? E se fosse amigo de um dos seus irmãos? Não! Podia contar parte da história, mas seu nome não.

– Capitão Garvery, o senhor entenderia se eu não quisesse lhe dar o meu nome verdadeiro? – ela olhou para ele com seus olhos verdes suplicantes.

– Sim, mademoiselle. Se houvesse um ótimo motivo para a recusa – os olhos dele caíram sobre as marcas nos braços dela. Ela não percebeu, mas o semblante dele fechara.

– Sim, há – Charlotte respondeu, seu olhar estava baixo, introspectivo.

– Qual? Conte-me o motivo, então, mademoiselle. Se ele for forte o suficiente, poderá lhe dar o nome que quiser.

Ela pensou por longos minutos, os quais a garçonete lhe serviu chá, bolinhos de peixe, e cerveja para ele.

– Estou fugindo – por fim ela falou.

– Isso eu já tinha notado, mademoiselle – ele respondeu, irônico. Depois voltou a olhar para as marcas de violência nos braços dela e ficou sério novamente. Muito sério, pois percebeu que havia marcas como aquela no pescoço dela. Quantas mais haveriam por aquele esplêndido corpo? Ele pensou.

Silêncio. Ele a perscrutava. Reparava nos cabelos vermelhos que soltaram do coque, caindo no rosto e nos ombros, na boca bem desenhada e decidida, na testa longa e nas mãos que torciam nervosamente sobre a mesa. A despeito das escoriações ela era linda.

– Meu pai me traiu – ela o olhou nos olhos. Ele percebeu que eram lindos e que estavam cheios de lágrimas. Ela disfarçou e desviou o olhar. Depois de alguns instantes, ela voltou a falar: – Ele armou para que meu primo se casasse comigo obrigado. Subornou minha antiga ama, que me deu um chá horrível dizendo que era para afinar a minha cintura... – ela percebeu que ele, embora prestasse total atenção à sua história, segurava-se para não rir dela.

– Desculpe-me – disse ele, soltando uma sonora gargalhada que reverberou por todo o salão.

– O que há de engraçado com minha desgraça, Mr. Garvery?

– O chá para afinar a cintura, mademoiselle.

Ela também riu, pois o riso dele era contagiante.

– Sim, foi muita ingenuidade de minha parte acreditar nisso.

- Sim, foi pueril. A senhorita tomou o chá e o que aconteceu?
- Casei-me.
- Ele soltou outra sonora gargalhada. Seus olhos chegaram a fechar e sua linda cabeça pirata foi jogada para trás.
- Meu Deus! O que foi dessa vez, capitão Garvery? – ela estava furiosa.
- Recapitule o que me disse, senhorita.
- Ah, sou mesmo uma imbecil. Tomar um chá para me casar.
- De forma alguma, senhorita. Eu não quis dar essa impressão. Fui grosseiro. Perdoe-me, conte-me a sua história – sua voz era terna e ele segurou a mão dela. Era uma mão grande, bronzeada e calejada. Mas era quente. De alguma forma lhe confortava e Charlotte não retirou a mão da dele: – Como eu estava lhe dizendo, capitão, meu pai subornou minha antiga ama para enganar meu primo, um lorde, e levá-lo ao meu quarto. Eu estava... segundo o meu pai... nua. Eu não sabia que estava nua... o maldito chá devia ter um potente sonífero. O resto o senhor já deve ter imaginado, meu pai pegou meu primo no meu quarto. Coitado! Foi obrigado a casar-se comigo. Mas ele disse que jamais me encostaria um dedo... e logo após a cerimônia foi embora furioso. Eu então fugi do meu pai, pois ele me obrigaria a ir atrás do meu marido. Meu pai fez tudo por dinheiro, pois esse primo é muito rico, de família nobre e influente no reino, e meu pai está falido. Meus irmos são quase todos bem casados, como diz meu pai... tenho só mais um irmão solteiro. Eu e ele éramos muito unidos, mas recentemente até Frederik saiu de casa. Não aguentou meu pai que queria casá-lo com uma viúva rica de mais de cinquenta anos... agora eu também fugi... O senhor acredita em mim, capitão Garvery?
- Sim, senhorita. Eu acredito – ele voltou a olhar para os braços dela –, é também uma ótima história – disse ele. Charlotte não sabia se estava inventando coisas, mas pareceu ver ternura na voz dele.
- Obrigada – ela respondeu e ele riu, um riso tristonho, ainda segurando a mão dela.
- Como devo chamá-la, então, mademoiselle?
- Ela pensou, pensou e, por fim, disse: – Acha que Acela Francus é um bom nome, capitão? Li em um livro. Gosto dele.
- É um nome latino, pelo menos, mademoiselle.
- Não me disse se gosta, Mr. Garvery.
- Não importa, senhorita. É falso.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

CAPÍTULO II

Aprendendo a ser cortesã

Desde que sua sobrinha, Eliza, a condessa de Northumberland, se mudara de vez para Alnwick Castle, juntamente com seu marido, Elizabeth Douglas se tornara quase a senhora de Northumberland House. Resgatada da vida em que levava como dona de uma casa de prostituição de luxo em Londres, na qual no passado fora uma famosa cortesã, a dama estava regenerada. Ou quase. Quando o mordomo, Mr. Mercer veio avisá-la de que lady Leanah Douglas estava à sua espera, ela estranhou.

Leanah e o irmão, o atual conde Douglas, seus primos, eram filhos do homem que no passado muito distante expulsara seu próprio pai do seio da família. Hugh Douglas, o exilado, fora o segundo filho do então conde Douglas com uma inglesa da qual ela herdara o nome. E isso havia acontecido por sua própria causa, devido à vida que ela decidira levar. Entretanto, havia muitos anos que ela estava morando com os Percy e lady Leanah, contudo, embora fosse sua parenta, jamais se aproximara dela, infringindo-a ao antigo ostracismo vivido pelo pai.

Não a conhecia pessoalmente, pois Elizabeth não frequentava a sociedade. Embora não fosse mais uma cortesã, e estivesse sob a proteção de um conde, a sociedade londrina não a aceitava e nem ela a queria para si. Mas, por vezes, tinha desejado conhecer, em especial, aquela prima. Havia escutado que Leanah possuía imensa beleza e que era uma pessoa encantadora. Sua sobrinha Eliza lhe contara que Leanah tinha olhos azuis-acinzentados, destacados numa tez morena-clara, cabelos lisos e escuros, lábios arredondados, rosados, e gestos angelicais. “É uma das moças mais lindas que já vi”, dissera-lhe Eliza que lhe contara que, à época em que ela conhecera seu marido, quase morrera de ciúmes de lorde Edward com Leanah, isso antes de Eliza descobrir que Leanah era apaixonada por lorde Robert.

Elizabeth Douglas foi receber a moça.

Quando entrara na sala, contudo, se deparara com uma moça de estatura mediana, de fato ainda muito bela, mas visivelmente abatida. Seus olhos estavam aflitos, sua boca tremia, e ela estava muito magra. Elizabeth ficou penalizada.

– Milady, sei que deve estar estranhando a minha visita, pois eu nunca a

procurei antes. Poderia lhe dizer que meu irmão havia me proibido, o que foi verdade, mas eu podia tê-lo desafiado e vindo mesmo assim. Mas saiba que eu sempre quis conhecê-la. Eliza só fala bem da senhora. Sinto ter vindo num momento de total desespero – disse lady Leanah num rompante assim que Elizabeth aproximou-se dela. A dama mais velha percebeu que a moça tremia descontroladamente e segurou as mãos dela entre as suas. A sinceridade da jovem havia quebrado qualquer barreira que porventura ainda houvesse entre elas.

– Venha até aqui, minha querida. A lady está tremendo. Deixe-me pedir um chá para nós – lady Elizabeth a levou até um sofá e fez sinal para que Mr. Mercer lhe trouxesse o chá.

– Conte-me o que lhe exaspera, criança. Esta visivelmente abalada.

– Oh! Estou perdida, lady Elizabeth – a jovem começou a chorar. Elizabeth já sabia o que sucedera com ela e com lorde Robert – o qual havia lamentado muito – e achou que era por aquele motivo que a jovem lady chorasse. Ela também, no passado, havia chorado por um Northumberland e sabia como aquilo doía.

– Eu sinto muito pelo que houve com lorde Robert, com o casamento de vocês; foi uma tragédia – Elizabeth disse.

– Eu preciso de sua ajuda – lady Leanah respondeu.

– Que tipo de ajuda?

– Meu irmão fugiu para não ser preso... ele se envolveu em jogatina, perdeu toda a nossa fortuna... deixou-me cheia de dívidas... credores não saem da nossa porta, me perseguem dia e noite, não tenho mais onde morar... do que viver...

– Isso com as dívidas poderá ser resolvido, criança. Acalme-se. Não chore assim. Lorde Robert, ou lorde Edward...

Leanah a interrompeu com um gesto.

– Não! De forma alguma eu gostaria de envolvê-los nisso, por favor, eu lhe imploro. Não estou aqui por causa de dinheiro.

Elizabeth ficou surpresa com a determinação que viu nos olhos da frágil figura.

– Eu estou aqui por outro motivo. Pensei muito. Não está sendo fácil para mim, mas como é uma Douglas como eu... oh, desculpe-me, não existe uma forma fácil de falar isso, mas como eu soube que a senhora também foi rejeitada por um deles, eu pensei que a dama seria a única que me entenderia.

– Sim, criança, eu a entendo. Pode falar francamente. E não precisa

desculpar-se por saber de minha triste história com um Percy Northumberland. Há tempos ela é pública. Não existe uma matrona nessa cidade que não a tenha repetido uma dezena de vezes.

– Obrigada, lady Elizabeth, muito obrigada.

– Não precisa me chamar de lady, chame-me apenas de Elizabeth. Fui uma cortesã, minha filha, e as cortesãs não são ladies.

– É por isso que estou aqui, Elizabeth. Eu gostaria que me ensinasse como ser uma cortesã – Leanah, por fim falou, ruborizando drasticamente.

Poucas coisas nessa vida podiam surpreender Elizabeth Douglas, mas ela estava surpresa naquele momento.

– Mas por quê? Por que deseja ser uma cortesã, criança?

– Nada me impede agora. Nunca me casarei... – Leanah chorou novamente e o coração da velha lady apertou dentro de si. Ela mesma havia entrado naquela vida por causa do pai do lorde por quem aquela adorável jovem chorava. Todavia não queria aquele futuro para essa linda e ingênua moça.

– É por causa de lorde Robert que está me pedindo isso, criança?

– Sim, Elizabeth – Leanah respondeu.

– Não pode casar-se com ele, Leanah querida, mas ainda pode tê-lo. É melhor do que se tornar uma cortesã. Basta tornar-se sua amante. Você o ama, eu vejo isso em seus olhos; ele também a ama, afinal, iriam ficar noivos...

– Jamais! – Leanah interrompeu-a novamente.

– Por que então deseja se tornar cortesã, Leanah? Não a entendo.

– Para me vingar dele... e para sobreviver.

– Não faça isso, criança. Lorde Robert caiu na armadilha de lorde Mortimer. Ele saiu daqui enfurecido. Voltou para Border Peace Park e está vivendo lá, sozinho. Charlotte Mortimer desapareceu. Lorde Mortimer está à sua procura. Não se fala em outra coisa em Londres. Vá para Hampshire, criança. Otterbourne é uma vila pacata. Ninguém a reconhecerá lá. Torne-se amante dele, minha filha; aproveite a beleza que você tem. Poderão ainda ser felizes se não se prenderem a convenções sociais. Essas convenções não nos trazem nada, só tristeza.

– Não, lady Elizabeth. Eu agradeço pela sua preocupação para comigo, mas não. Eu amei lorde Robert por longos anos, os quais eu até perdi a conta, meu Deus! Por toda a minha vida eu o amei! Antes ele me desprezava, mal me olhava, ignorava-me completamente por eu ser uma Douglas. Que culpa

tive eu disso? Mas me mantive fiel a esse amor, ao sonho, sempre me guardei para ele, para no fim, veja o que aconteceu? Ele desprezou-me. Se me amasse de verdade não teria colocado a sua honra acima da palavra empenhada a mim. Ele preteriu-me, humilhou-me, nem ao menos falou comigo para preparar-me para o que viria a seguir. Quando eu soube... – ela levou as duas mãos à face chorando – ele já estava casado. Não! Não serei mais uma boa moça, Elizabeth. O que eu ganhei com isso senão abandono, dor e tristeza? Meu irmão me traiu e me abandonou, Robert também. As boas moças só sofrem neste mundo. Vou usar minha beleza, sim, como a senhora me falou, mas para controlar os homens que eu desejar. Quero me tornar uma cortesã.

– Não poderá escolher os homens que desejar, minha querida.

Leanah pensou por alguns instantes.

– Eu escolherei. Ensine-me como deixar todos os homens aos meus pés e eu terei uma imensa dívida para com a senhora – disse lady Leanah, segurando a mão da dama, como se implorasse.

– Eu lhe ensinarei, mas deixe-me ajudá-la também. Eu tenho algum dinheiro. Não tive filhos. Não tenho para quem deixar, pois Eliza, minha única sobrinha, não precisa dele. Você disse que terá que sair de Douglas House. Sei que jamais aceitará morar aqui em Northumberland House, embora eu tenha certeza absoluta de que lorde Edward lhe receberia e cuidaria de você até o seu último dia. Tenho uma casa no subúrbio, é modesta, mas confortável. Não passará frio, nem fome e terá o que vestir modestamente. Tenho algum dinheiro que, se aplicado, lhe dará sustento. Eu lhe ensinarei tudo que deve saber e você escolherá o seu protetor. Deve me prometer, entretanto, que não vai para nenhuma casa de prostituição. Promete-me, Leanah?

– Eu prometo não me prostituir – respondeu a jovem lady e para a dama mais velha foi suficiente.

CAPÍTULO III

O naufrágio

O capitão Garvery não permitiu que Charlotte pagasse pelos seus novos vestidos, o que deixou-a constrangida, mas deu-lhe abertura para que ela lhe pedisse para deixá-la embarcar com ele no Garbh para a América. Misteriosamente ele concordou sem fazer qualquer objeção.

Para ela tudo era novo: um navio estranho, que transportava uma carga desconhecida, um povo estranho, cuja única mulher a bordo era ela.

Em poucos dias ela conheceu a tripulação: Manton, cujo nome vinha do gaélico mantach que significava “desdentado”; Bane, da expressão bán que significava "branco", pois os cabelos do marujo eram totalmente brancos; Finn, da expressão fionn, que significa "cabelo claro", e Kennedy, de cennedie, cujo significado era “cabeça feia”.

Aedh, como ela pensava no capitão Garvery, não se aproximava muito dela no navio. Havia lhe cedido uma cabine, a dele talvez, e estava sempre distante. Por meses eles viajaram sem maiores problemas, parando em várias ilhas para abastecerem de suprimentos e água, rumando para a América. Ela passou a ajudar Bane na cozinha e, através do cozinheiro – que também era uma espécie de curandeiro –, soubera que o capitão era filho bastardo de um importante nobre inglês com uma bela argentina. Mas Bane, que sempre estivera com o capitão, não quis falar mais da vida pessoal de Garvery. Charlotte não quis perguntar, embora estivesse muito interessada em saber tudo sobre ele. Ela pensava muito em Aedh. Procurava pelo capitão no navio, contando as horas para o jantar, pois às vezes eles jantavam juntos.

Somente uma vez, Aedh perguntara o nome de seu marido. Mas como ela não respondera, ele nunca mais lhe fizera qualquer pergunta pessoal. O que ela lamentava. Pois há muito ela desejava conhecê-lo mais profundamente. Se ele perguntasse novamente, ela lhe contaria tudo. Somente com esse precedente ela poderia lhe fazer perguntas. Charlotte queria saber se ele era casado, e, principalmente, se tinha alguma mulher. Embora pensar nisso lhe deixasse enfurecida de ciúmes, ela sabia que ele devia ter várias espalhadas pelos diversos portos pelos quais o Garbh passava.

Mas Aedh estava cada vez mais distante dela. Parecia fugir. Aquilo já estava enfurecendo Charlotte de tal maneira que seu temperamento explosivo não se continha mais. Ela saiu de sua cabine decidida a confrontá-lo.

Perguntaria qual era o problema. Se ele tivesse se arrependido de tê-la levado, que a deixasse em algum porto qualquer. O que ela não suportava mais era aquele jeito de tratá-la, sempre se esgueirando dela pela embarcação. Se ele estivesse no convés e ela chegasse, ele sairia de lá; se o encontrasse no calabouço quando ia buscar algum mantimento para Bane, ele subia de imediato. Se ele estivesse resolvendo alguma coisa na proa e ela fosse lá, ele iria para a popa. Certo dia Charlotte o viu no bombordo e foi até ele, mas bastou vê-la chegando e, quando ela chegou onde ele estivera há pouco, lá estava ele no lado direito, falando com alguém no estibordo. Ela não tinha mais nenhuma dúvida, Aedh fugia dela como se ela tivesse alguma doença contagiosa. Iria dizer aquilo na cara dele. O máximo que ele podia fazer era jogá-la no mar. E Charlotte não acreditava que ele fosse capaz daquilo. Ela era inocente, mas sabia quando um homem desejava uma mulher. E ele a desejava também. Pelo menos ela queria muito acreditar que sim.

Com passos rápidos ela saiu à procura de Aedh. Mas ouviu gritos. Homens estavam lutando no convés.

– Piratas – alguém gritou.

Ela viu outro navio próximo ao deles. Correu à procura de uma espada, ou arma, qualquer coisa que pudesse lutar contra os piratas, mas alguém a segurou e cobriu a sua boca com uma mão fedida. Ela mordeu forte a mão do agressor. Um grito de dor. Uma pancada na cabeça.

CHARLOTTE com uma forte dor de cabeça. Parecia que já tinha vivido aquele momento. Sua cabeça parecia enorme. Não se lembrava de nada.

– Acela – alguém a sacudia.

– Hum – ela respondeu, virando seu dolorido corpo para o outro lado. Estava com frio. Encolheu as pernas na posição fetal.

– Eu vi quando ele bateu na cabeça dela antes de levá-la a bordo, capitão – alguém falou e parecia distante dela.

– Miss Francus – alguém continuava a balançá-la insistentemente. A voz parecia preocupada. Mas quem será essa miss Francus? Ela pensou, sonolenta.

– Precisamos de um médico. Onde está o Bane? Traga-o – a mesma voz bonita continuava muito preocupada. Ela pensou.

Alguns instantes de silêncio, no qual alguém andava de um lado para

outro no aposento.

– O que foi, capitão? Acela está ferida?

– Quase se afogou, Bane. Quando afundamos o navio dos piratas. Foi por pouco – uma voz rouca e profunda falava próxima a ela.

Por fim Charlotte se virou para ver quem era o dono daquela voz. Era um lindo homem com qualquer idade entre 30 a 40 anos, pois sua pele era bronzeada, mas os olhos brilhavam como reflexos de um dia de verão. Eram verdes. Ele era tão lindo. Não resistiu. Levou a mão e tocou o queixo azul dele. A barba estava áspera. Ele pareceu não estranhar o carinho, muito pelo contrário, ela notou que os olhos, que pareciam cansados, sorriam para ela. Em seguida ele pegou a mão dela e levou aos lábios, beijando-a. Mas ainda parecia preocupado. O olhar dele era doce e, quando ele soltou a mão dela, ela a manteve no rosto dele, acariciando-o. Lentamente ela sentou-se para tocar nos cabelos dele, pois estavam úmidos e uma mecha caía em seus olhos e ela queria tirá-la de lá. Charlotte notou que o escuro cabelo ia até os ombros dele.

Foi somente naquele momento que ela percebeu que estivera enrolada em uma lona áspera e, quando a lona caiu, estava nua sob ela. Mas aquele homem devia ser seu marido, pois ele a tinha despido.

– Como se sente? – ele perguntou, cobrindo seus seios da visão dos outros marujos. Fez sinal para que os homens saíssem do aposento, o que fizeram prontamente.

– Onde estou?

– No Garbh, querida. Está tudo bem agora. Estamos quase no nosso destino. Em poucos dias estaremos em casa – a voz dele estava rouca.

– Garbh?

– Sim, o navio...

– Qual é mesmo o meu nome? Não consigo me lembrar. Por que estamos num navio? Onde é nossa casa?

– Meu Deus! – ele exclamou.

CAPÍTULO IV

A loucura de Auckland

Londres, 1839.

Muito tempo se passou desde que lorde Robert saíra de Londres. Nunca mais vira lady Leanah, muito menos sua malfadada esposa. Tinha vindo a Londres agora para o aniversário de oito anos de seu sobrinho, Arthur, o herdeiro do condado de Northumberland. Lorde Edward e Eliza, sua cunhada, tinham mais quatro filhos, três meninas: Elisabettha, Shirley e Izabele, e mais um menino, Henry, além de Arthur. Lorde Robert refletia se eles não iriam parar de procriar, pois toda vez que ele se encontrava com a cunhada, ela estava grávida.

– Milorde, lorde Palmerston está na sala de estar à sua espera – disse Mr. Mercer, o mordomo, que mesmo muito velho se negava a se aposentar.

– Falar comigo, Mr. Mercer? Tem certeza? Deve ser com meu irmão. Ele deve saber que Edward chegou de Alnwick Castle. Esses nobres teimam em confundir nossos nomes.

– Não, milorde. Não é com o conde que lorde Palmerston deseja falar, é como o lorde mesmo.

– Maldição! Eu tenho um compromisso com minha... – o lorde hesitou.

– Mando o laçao avisar à sua amante que vai se atrasar um pouco, milorde?

Uma das características de Mr. Mercer que se acentuara, assim que percebeu que já estava velho demais para lhe mandarem embora ou lhe tratarem mal, era a sinceridade. O mordomo se tornara tão íntimo dos lordes como se fosse da família.

– Sim, por favor, Mr. Mercer. Faça isso – disse o lorde que, após o seu casamento forçado, cansado de ser o bom moço, se tornara um dos maiores perversos da Europa.

– Lorde Palmerston – ele cumprimentou o homem assim que entrou na sala – a que devo a honra de uma visita de um representante da Coroa Britânica? – ele também se tornara amargo e irônico.

– A Coroa Britânica precisa do senhor, lorde Robert – se lorde Palmerston percebeu a ironia do anfitrião, desconversou, pois tinha pressa: – uma nova

guerra se aproxima e precisamos de um homem de confiança na Índia.

– De mim? O herói de guerra da família é meu irmão, o conde Hotspur, não eu – brincou lorde Robert, mas lorde Palmerston continuou sério. O homem não tinha mesmo nenhum senso de humor, pensou Robert.

– A família Northumberland tem tradição na guerra, milorde. Sir Percy iniciou essa tradição e a Coroa precisa agora de mais um Percy. Estamos com sérios problemas na fronteira da Índia, na iminência de sermos invadidos pelos russos.

Lorde Robert teve vontade de lembrar ao representante da Coroa que Sir Percy Hotspur, seu medieval parente, tinha sido morto pelo próprio rei, pois o monarca temia que o clã Northumberland crescesse demais no Norte da Inglaterra e tomasse Londres. Porém, se calou. Era mais prudente. Já havia feito alguns inimigos ultimamente. Seu tio Mortimer era um deles. Na ocasião da traição do tio, ele mandara cercar Border Peace Park, em Hampshire, contratara diversos homens em Otterbourne, e ordenara que atirassem se o tio forçasse a entrada até a sua presença. Não para matar, para aleijar, pois seria mais dolorido. Mas o tio fora prudente e se afastara de vez. Não sem antes lhe prometer vingança. Se alguém iria se vingar, este seria ele.

– Tem certeza de que não errou de irmão, milorde?

– Certeza absoluta, lorde Robert. O conde, seu irmão, tem cinco filhos. Trata-se de uma guerra. O lorde me entende...

Lorde Robert entendia. Ele não tinha mais nada a perder. Havia perdido tudo. Onde você estará, Leanah?

Um mês depois do seu casamento, quando o ódio que o consumia desvanecera um pouco, ele procurara por Leanah para lhe dar uma explicação. Sabia que ela estaria magoada, ferida e esperava que ela lhe perdoasse a ponto de poder, no futuro, propor que se tornasse sua amante. Lamentava ter demorado tanto, pois Leanah pode ter achado que a falta do cumprimento da promessa de casar-se com ela, tinha sido por causa do escândalo causado pela fuga de lorde Davy. Entretanto, como aquilo nem passara por sua cabeça, ele não se dera conta de que ela pensaria exatamente assim. Mas quando chegou a Douglas House, ela não mais morava lá. A casa e tudo que havia dentro tinha sido perdido numa mesa de jogo. Ele enlouquecera. Procurara por ela por toda a Londres; quando deu-se conta de que em Londres ela não estaria, fora para Paris, pois Leanah era amiga da duquesa de Belvoir. Mas em Paris ela também não estava. Contratou vários detetives, mas Leanah parecia que não queria ser encontrada. Já havia gasto

uma fortuna enviando detetives para pistas falsas em toda parte do mundo. Ele se perguntava quem estaria plantando tais pistas e por quê? Seria ele tão culpado assim?

– Estou à disposição da Coroa, lorde Palmerston – ele respondeu.

– Sabíamos que era um homem corajoso, honrado, e que poderíamos contar com o senhor, lorde Robert.

– O que se passa, lorde Palmerston? Qual é a batalha?

– Temo que os russos invadam a Índia por meio das passagens pelo Afeganistão. Enviamos um representante para se encontrar com o Emir do Afeganistão, Dost Mohammad Khan, mas ele exige apoio britânico para retomar a região de Peshawar do Império Sikh e isso nós não daremos. Lorde Auckland soube que o Emir andou se encontrando com um enviado russo, mas recentemente as conversas entre eles cessaram, temo que os russos agora sigam com o plano inicial.

– Qual será o meu papel na guerra, lorde Palmerston?

– Será nosso homem de confiança na Índia. O exercito britânico, com 21 mil homens, partirá imediatamente para Cabul, mas necessito de um homem de total confiança da Coroa controlando os portos, enviando reforços da Índia para o Afeganistão. Como sócio da Rapallini, creio que o lorde já conheça bem os portos de Bombay, na costa oeste; de Madras, no sudeste e Calcutá, no nordeste.

– Vejo que está muito bem informado sobre mim, milorde.

– Há uma guerra em curso, lorde Robert. Não lhe contaria meus planos se não fosse de minha total confiança.

– Quando terei que partir?

– Imediatamente.

LORDE Robert comunicou ao conde de Northumberland o convite da Coroa Britânica naquele mesmo dia.

– Mas é uma guerra, Robert!

– Sim, Edward. Já tem até nome: a guerra de Folly de Auckland.

– Eu não lhe darei permissão para isso, Robert. Sou o senhor dessa família. Sem a minha permissão você não irá.

– Calma, Edward. Não ficarei na linha de frente de um front. Serei o homem de confiança da Coroa na Índia. A guerra se passará no Afeganistão.

Ficarei na fronteira da paz.

– Mesmo assim. Eu irei com você, Robert.

– De forma alguma, Edward. Já sou um homem de quase trinta anos, casado, sem mulher e sem filhos. Não tenho nada que me prenda aqui. Já você, tem uma mulher que lhe ama, e que você também ama, tem cinco filhos e um condado para gerir – lorde Robert gritava, pois ele detestava que Hotspur o tratasse como um menino.

– Em que lugar na Índia você vai ficar?

– Em Calcutá, na sede da Companhia Britânica das Índias Orientais.

Ouviram um barulho.

– Alguém estava nos ouvido – gritou lorde Robert.

– Maldição! – bradou o conde em resposta saindo com longas passadas.

POUCAS horas depois num subúrbio de Londres.

– Guerra?

– Sim. A guerra de Folly de Auckland – disse Elizabeth.

– Meu Deus! Quando eu achava que já tinha perdido tudo me tiram o próprio direito de sonhar – disse lady Leanah.

– Acalme-se, querida. Eu tive uma ideia. Se for corajosa poderá se vingar dele de uma forma que ele jamais se esquecerá.

– Como, Elizabeth? Ele vai para uma guerra!

– Ele será o homem de confiança da Coroa em Calcutá. Eu ouvi bem. A guerra acontecerá no Afeganistão. Ele só foi colocado ali para enviar soldados para lá e para controlar os portos. Podemos ir para Calcutá antes dele – os olhos da dama mais velha brilhavam na expectativa de uma nova aventura.

– Iria comigo?

– Sim, criança. Se aceitar, amanhã mesmo me informarei da partida do próximo navio para Calcutá. Podemos viajar pela Rapallini, os navios são mais modernos e mais seguros. Podemos pedir ajuda da duquesa de Pudhoe. Ela é sua amiga, lhe adora e ficou muito triste com o que fizeram com você e lorde Robert.

– Leonora jamais me ajudaria se soubesse que pretendo me vingar de lorde Robert – disse Leanah.

– Contarei para ela e deixarei que ela mesma decida, criança. Mesmo que

não nos apoie, ela não contará para ninguém os nossos planos.

A ROTA Inglaterra para a Índia passava pela Alexandria, no Egito, pela Península de Suez até Port Suez, no Mar Vermelho. As duas tinham embarcado em Southampton, pois temiam serem reconhecidas em Londres. Leonora resolvera ajudá-las. Deu-lhes as passagens no navio da companhia Rapallini pela rota Inglaterra-Egito-Índia para que chegassem mais rápido, pois era inteiramente contra navios a vapor. Iriam para o porto de Calcutá, no nordeste da Índia.

O navio levava muitos passageiros, mas Leanah e Elizabeth se mantiveram em suas cabines. O capitão fora orientado pela duquesa de Pudhoe para que as duas tivessem um tratamento diferenciado. O navio também levava um regimento do exército britânico. Suas esposas e filhos acompanhavam seus maridos. Leanah ficou se perguntando se o próprio lorde Robert não estaria naquele navio juntamente com sua mais nova amante.

Mesmo morando no subúrbio, longe de toda badalação de Londres, exilada pela sociedade, ela ouvia os boatos sobre as amantes dele. Soubera, através de Elizabeth, que ele viajara pelo mundo. Eliza sempre que estava em Londres lhe visitava e soltava alguma informação sobre ele. Segundo a amiga, Robert mudara muito e não era o mesmo jovem que elas tinham conhecido. Leonora também a visitava toda semana e foi através dela que soubera dessa mais nova amante.

Leanah sabia que a intenção de Leonora ao contar-lhe não fora criar mexerico, mas fazê-la ir atrás de lorde Robert, deixar que ele a encontrasse. Segundo Leonora, por diversas vezes, o lorde a procurara e implorara que ela lhe revelasse o paradeiro de Leanah.

Quando Harriet, sua amiga que se tornara a duquesa de Belvoir, veio de Paris especialmente para vê-la, dissera-lhe que ele também tinha lhe visitado na França à sua procura. Todas as quatro, pois Elizabeth também, achava uma loucura Leanah continuar com aquela vingança. Mas o que as três não sabiam era que a vingança ainda nem havia começado.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

CAPÍTULO V

Sem nome nem memória

O navio Garbh, capitaneado pelo capitão Aedh Garvery, ancorou no porto de Montevideu no rio da Prata, no Uruguai, às 15 horas. O capitão estava esgotado, tinha sido uma viagem difícil, na qual foram atacados por piratas e um acidente que, por pouco, não matara a jovem que ele tinha sob sua proteção e deixara dois de seus homens bastante feridos. Mas a linda moça de cabelos vermelhos sem nome e agora sem memória sobrevivera, se para sua alegria ou a desgraça de ambos, ele ainda não podia dizer.

Estava cada vez mais difícil ficar com as mãos longe daquele corpo. Ele, que se sentira atraído por ela desde que a vira em Calais, cuja atração só aumentara nos meses em que passaram confinados num mesmo navio, sem nenhuma mulher para lhe desviar atenção, estava a ponto de explodir de desejo por ela agora.

A dama, que sofrera um acidente e não se lembrava de nada, tinha colocado na cabeça que ela era a esposa dele. Na última noite fora por pouco. Ela o procurara em sua cabine e lhe fizera uma infinidade de perguntas, entre as quais onde os dois tinham se conhecido e como tinham se apaixonado. Ele lhe contara como tinham se conhecido na França, na esperança de que aquilo lhe ajudasse a recobrar a memória. Entretanto, nada falara sob o suposto casamento dela na Inglaterra. Por que ele não falara? Porque ele próprio nada sabia sobre aquilo. Se lhe falasse, ela o deixaria louco com perguntas, as quais ele não tinha as respostas nem para si mesmo.

A moça o deixara louco, pois ela teimava em tocar seu rosto, aconchegar-se a ele, às vezes, sentando-se no colo dele. Aedh apenas não a agarrara e fizera amor com ela uma centena de vezes porque ela ainda estava convalescendo.

Mas agora ela estava bem e eles estavam indo para casa.

– Aedh – ela o chamou. A partir do acidente ela somente se dirigia a ele dessa forma.

– Sim – ele respondeu lacônico. A carruagem os havia pegado no porto e eles iriam para uma propriedade rural que Aedh possuía nos arredores de Montevideu, na qual criava gado brasileiro, para o consumo da carne e do couro.

– Por que está bravo comigo, Aedh?– ela o olhou surpresa.

– Não estou bravo.

– Por que não olha para mim, então? – ela tocou no braço dele, e no queixo, obrigando-o a virar para ela.

Aedh olhou. Ela tinha soltado os cabelos e uma massa avermelhada caía sobre seus ombros. Ele gemeu. Fechou as cortinas da carruagem, virou para ela abruptamente, pegou-a e colocou-a em seu colo. O beijo foi bruto, faminto, sedento, pois a fome que ele sentia dela era visceral. Ela era inexperiente, ele percebeu. Mas ele a beijou com paixão, obrigando-a a abrir a boca para que ele a explorasse com sua língua.

Por fim, ele a tirou de seu colo, pois, do contrário, a tomaria ali mesmo. Mas ela não estava satisfeita. Voltou a montar nele, segurou o rosto dele com as duas mãos e lambeu-lhe os lábios numa carícia assustadoramente erótica. Estou perdido. Ele pensou, sentindo-se muito excitado.

– Ensine-me, meu homem – ela pediu-lhe, ainda contornando seus lábios com sua doce língua e dando leves mordidinhas em seu lábio inferior.

– Ensine-me – ela pediu novamente, havia desejo na voz dela.

– Faça o que está fazendo com sua língua, mas dentro da minha boca. Acaricie a minha língua com a sua, querida.

– Não gosta disto que estou fazendo?

– Adoro, querida. Adoro... – ele gemeu e a beijou novamente. Ela aprendia rápido demais. E ele a queria mais ainda. Queria morder seus lábios, queria tê-la toda para ele. Ela também o desejava, pois suas pupilas estavam negras e ela se encaixava exatamente em cima de sua ereção.

– Meu amor, assim eu não vou suportar e vou te tomar aqui mesmo – disse ele, rouco, olhando para ela quase com desespero. Mas ela, além de ter perdido a memória, perdera também o pudor. Esfregava-se nele com paixão.

– Eu preciso de você, Aedh – ela disse, agarrando-se a ele e esfregando seus seios arredondados nele, aqueles que ele tinha visto nus e que tiravam seu sono toda à noite deixando-o febril de desejo. Aedh não suportou, tomou-os em sua mão: lindos, cheios e rosados. Levou sua boca até eles e os chupou, fazendo-a gritar de prazer.

– Aedh, não pare, não pare, por favor, por favor.

– Acredite, querida. Eu não quero parar nunca, nunca, nunca, jamais... Mas estamos chegando em casa, terminaremos isso no nosso quarto.

Ele a beijou novamente de forma apaixonada. Contrariado, com seu desejo insatisfeito, ele tirou-a de seu colo, lamentando a falta de seu calor. Mas já estavam na propriedade dele.

O casarão do Monte Branco de Oliva apareceu assim que a carruagem fez a curva do rio, mas ela não o viu. Estava impressionada demais com o que via da janela da carruagem: a imensidão que salpicava de branco os pastos que rodeavam a propriedade, o rebanho bovino de Aedh Galvery. Entretanto, assim que as janelas azuis do casarão apareceram à sua frente, ela exclamou: – É linda a nossa casa, Aedh!

O casarão de dois pavimentos, branco de janelas azuis, tomava três quarteirões da fazenda numa imponência de fazer inveja a qualquer solar inglês. Fora isso que o capitão Aedh Garvery pensara quando o comprara havia cinco anos. De lá para cá, ficara hospedado ali apenas quatro vezes, menos de uma vez ao ano. Um administrador da terra tomava conta de tudo.

Agora, porém, pretendia ficar por vários meses. Pelo menos até que a moça recobrasse a memória e lhe dissesse quem ela era e para onde pretendia ir. Não voltaria com ela para o mar. Havia temido perdê-la. Nunca sentira tanto medo em toda a sua vida de 35 anos. Sócio da British East India Company, uma companhia tão antiga quanto o título que seu pai ostentava, cuja família era uma das maiores acionistas, ele há sete anos comprara parte da frota e começara a fazer a rota América, Calais, Londres. Embora, às vezes, também fosse à Índia. Transportava gado do Rio de Janeiro e das demais colônias para a Inglaterra; chá e algodão da Índia para a Inglaterra e para as colônias das Américas.

O dia estava quente e o sol de fim de tarde resplandecia a imensidão verde à sua frente. Algumas partes já estavam na sombra, no sopé das encostas e dos morros, deixando as pontiagudas montanhas iluminadas como faróis de um planalto abençoado pela natureza. Selvagem. Terra fértil, escura. Imensos pastos verdes pintados de branco pelo numeroso rebanho. O quadro era encantador. Ela suspirou com seus olhos presos lá longe, nos currais de madeira escura.

– Gostou do lugar? – o capitão Garvery perguntou, orgulhoso.

– Sim, Aedh. É como eu imaginava. Quem são aquelas pessoas? –ela apontou para os servos que os aguardavam em pé em frente ao casarão.

– O administrador Saturnino Gonzalez, sua esposa, filhas e filhos; e os escravos.

– Escravos? Você tem escravos?

– Sim. Todos aqui os têm – ele respondeu rispidamente.

Ele se perguntou como a apresentaria, pois não fazia sentido chamá-la pelo nome falso. Desde que ela se esquecera de tudo ele evitava chamá-la por

ele, pois só atrapalharia qualquer lembrança que ela pudesse ter. Não foi necessário, contudo, pois ela própria se apresentara a eles.

– Sou Mrs. Garvery. A esposa de Aedh.

Ele estremeceu.

Não havia o que fazer. Dona Pêra, esposa de Gonzalez, já a tomava pela mão em festa. A mulher entendia bem o inglês, embora falasse muito mal.

– Ah, capitão, como és bela a sua esposa inglesa! Venha, minha querida. Deve estar aflita para conhecer sua nova casa, tomar um banho... – e levou sua esposa pela mão para dentro do casarão. Não lhe restou alternativa senão acompanhá-las. Foi aí que a ouviu dizendo.

– Por favor, dona Pêra, pode pedir para aprontarem um banho para mim e meu marido? Estamos sedentos por um banho de verdade.

Ele novamente estremeceu. Estava perdido. Como se seguraria? Desde que conhecera essa moça ele tinha passado por situações inusitadas, diferente de tudo que ele tinha vivido até então. No navio havia fugido dela, pois a desejava ardentemente, mas ela era uma mulher casada. Depois do acidente viu-se evitando-a, pois, além de continuar sendo uma dama casada, era uma desmemoriada. Agora, ela se achava sua própria esposa e queria tomar banho com ele?

Chamou o administrador para conversar. Tinham assuntos pendentes. Gonzalez lhe passou os relatórios, falou que os problemas com ladrões de gado foram solucionados com a contratação de jagunços brasileiros para guardarem a fazenda e o rebanho; falou do ótimo resultado das vendas da carne e do couro, o qual ele comemorou, por fim, Gonzalez entregou-lhe a correspondência, entre elas uma carta da Inglaterra, da parte do pai.

Teria que partir logo e para a Índia.

Após demorar bastante com Gonzalez de forma proposital, ele ainda assinou vários documentos, deu diversas ordens, e quando nada mais o impedia, Aedh subiu crente que sua esposa já se banhara sem ele. Por sorte estaria livre, por ora. Mas, quando abriu a porta do quarto, teve a mais adorável surpresa. Ela estava nua, de costas para ele, olhava pela janela, uma cena que ele jamais esqueceria. Alta, esguia, os cabelos caindo pelas costas, linda, deliciosa. Ela virou para ele. Ele tinha os olhos presos àquele corpo. Seios firmes, volumosos, rosados. Desceu o olhar e viu os pelos avermelhados que protegiam aquela parte que lhe consumia os pensamentos todas as noites desde que a conhecera. Ela falou: – Você demorou, meu amor. A água já deve estar fria. Venha, vamos nos banhar juntos. Nesse negócio

cabemos nós dois. Como é grande. Eu nunca tinha visto uma banheira de madeira.

Ele estava paralisado pela visão. Excitado. Assustado. Não tinha como resistir, o que faria?

– Entre na banheira e eu irei em seguida – disse ele tentando ganhar tempo. Para quê? Não fugiria. Não tinha mais forças para fugir. Sua ereção era visível até mesmo para um cego.

Ela lentamente subiu na escada de madeira que se acoplava à enorme banheira e desceu, mergulhando seu corpo até a altura dos seios.

– Venha. Tire a sua roupa. Desejo ver meu marido sem elas.

Ele começou a se despir. Sempre com seus olhos presos aos dela. Tirou a camisa e a jogou no chão. Com os pés arremessou as longas botas no mesmo local da camisa. Ela olhava para ele com adoração. Estou perdido. Ela está perdida. Ele pensou. Abriu e deixou as calças caírem aos seus pés. Tirou o restante da roupa e continuou onde estava. Ela o contemplava com um misto de desejo e susto.

– Venha, meu marido. Quero que me banhe e lave meus cabelos.

Aedh caminhou e entrou na banheira. Ela, imediatamente subiu em seu colo. Seu rígido membro tocou-lhe um orifício, afoito para penetrar.

Não! Não posso antes de contar tudo para ela.

Ela o beijou daquela forma sedutora que ela fazia. Acariciando-lhe os lábios com a ponta da língua, mordiscando-os, beijando seu pescoço.

Como era ousada.

– Tome o sabão. Dona Pêra me deu. Passe em meu corpo. Quero sentir suas fortes mãos nele – pediu ela entregando-lhe um cheiroso pedaço retangular. Ele o fez. Também desejava tocá-la. Ele lavou lhe os seios. Começou por eles. Assim que os tocou, sentiu que os mamilos dela enrijeceram sob seu toque. Ela gemeu. Ele também em resposta. Seu membro pulsava sob ela. Ela molhou a magnífica cabeleira. Ele a ensaboou, massageou e ela os enxaguou. Ele continuou a ensaboá-la. Tocou entre as pernas dela. Ela gemeu de novo. Ele achou que fosse tomá-la ali mesmo naquela banheira. Chegou a segurá-la e puxá-la para que ficasse de costas. Mas ela não entendeu o que ele pretendia fazer e pegou o sabão e começou a passar nele. Lavou seus cabelos, com carinho massageou-os, desceu para os ombros, peito, cortas. Virou e olhou para baixo. Tocou em seu membro inchado, ele pulsou na mão dela e ela o apertou.

– Não suporto mais – ele saiu da banheira e a tirou-a de lá com uma

enorme facilidade, como se ela não pesasse nada. Enrolou-a numa toalha e enrolou-se em outra.

– Preciso lhe dizer algumas coisas. Fique longe de mim, não me toque, pelo menos por enquanto.

Ela olhou-o assustada.

– Não sou seu marido, pelo menos não ainda.

– Mas... no navio... aquele dia... eu estava nua...

– Tinha acabado de salvá-la do mar. Eu mesmo tirei o seu vestido, senão adoeceria. Se não fosse eu a tirá-lo, teria sido qualquer um dos marujos e, por Deus, eu jamais permitiria que outro a visse como eu a vi.

– Então me ama como eu o amo.

– Não diga isso. Quando nos conhecemos em Calais você disse que era casada.

– Casada? Com quem? Onde, então, está meu marido?

– Ótimas perguntas. Eu também gostaria de saber, mas quando nos conhecemos, você, com a sua teimosia, negou-se a me contar tudo. E depois perdeu a memória. Agora nem você nem eu sabemos de nada.

– Mas... mas eu não te contei nada?

– Contou que havia fugido de seu pai e desse marido. Que tinha sido obrigada a se casar.

Ela suspirou aliviada.

– Se eu fugi dele é porque não o queria. Posso estar sem memória, mas meu corpo não. E ele sabe o que quer. Eu quero você, Aedh. Não me negue isso. Quero ser sua mulher.

Falando isso, ela soltou a toalha para que caísse no chão, caminhou na direção dele e jogou-se em seus braços, beijando-o com loucura apaixonada. Empurrou Aedh para a cama e montou nele não dando-lhe nenhuma chance de resistir. Ele a virou de costas na cama e subiu nela, tocando seu corpo com fúria. Ela enlaçou suas longas pernas nos quadris dele puxando-o para baixo.

– Mulher, não sabe o que está fazendo.

– Eu o quero, Aedh – ela o beijava, lambia, mordia, como uma fera desesperada.

– Como me quer? – a voz dele era tão forte, o desejo deixando-o rouco –, devagar ou com força?

– Força, por favor, força. Segure meus braços e me tome com toda a força.

E ele arremessou com toda a força de seu desejo contido há meses.

Estocava segurando-lhe os braços, como ela havia pedido, seu rosto mergulhado naquela massa cheirosa de cabelos vermelhos, úmidos. Ele a ouvia gritar, arranhar-lhe as costas, mas era impossível parar. Quando por fim explodiu dentro dela, levantou seu rosto e viu que o dela estava banhado por lágrimas. Horrorizado, olhou para baixo e viu que ela estava sangrando. Ela soluçava.

– Deus! O que foi que eu fiz!

Chocado, envergonhado, ele tocou seus braços e disse a única coisa que lhe veio a cabeça.

– Sou um monstro. Eu não sabia que era virgem. Como podia saber? Você pediu com força... eu sou um estúpido.

Levantou-se da cama, vestiu sua calça, pegou o restante de suas roupas e saiu do quarto tão rápido quanto conseguiu. Mandou selar um cavalo e partiu. A Índia esperava por ele.

CAPÍTULO VI

A Casa da Festa

Lady Elizabeth Douglas caminhou pelas ruas de Calcutá em direção à Casa da Festa, a mais luxuosa casa de prostituição da Índia, acostumada a receber os príncipes indianos e os nobres europeus. Havia enviado uma carta à proprietária, uma de suas antigas damas que atendia pelo nome Party.

No passado, Party tinha se apaixonado por um lorde britânico e viera com ele para a Índia, juntamente com a família dele – no mesmo navio – um escândalo na época. Mas quando ele tirou-lhe a sua proteção, ela resolveu ficar e abrir o seu próprio comércio. E prosperara. Elizabeth, pela opulência do edifício, viu que Party estava bem, pelo menos financeiramente.

Entrou pelas portas dos fundos e anunciou-se a um funcionário indiano. Tinha saído logo após o desjejum e dito à lady Leanah que iria visitar o túmulo de seu antigo amor. De fato ela pretendia fazer aquilo, mas seria o último evento do dia, pois, assim que o fizesse, seria tomada por antigas lembranças. Recordações de um amor que não fora correspondido.

A prima não fora a primeira Douglas a cair de amor por um Percy Northumberland. Ela suspirou. Antigas lembranças assaltaram-lhe. Sua irmã Izabele a quem ela havia enganado. Enganara a irmã e o próprio Henry para que ele a possuísse. Ele o fizera. Só notara depois do ato consumado e a abandonara. Nem ela e nem Izabele se casaram com ele, pois Henry era noivo de uma Neville. Malditos Neville! Ela pensou. Mas lembrou-se de que lorde Edward Percy – o nono conde Northumberland – era filho da tal Neville e que ele lhe protegia agora. Dava-lhe um teto, alimento, o que vestir e uma soma em dinheiro mensalmente para que ela nunca mais voltasse à prostituição. Lembrou-se também que estava ali para redimir-se dos seus pecados do passado. Lorde Robert já fora vingado o suficiente. Ela e Leanah já tinham se divertido bastante nestes dois últimos anos com as pistas falsas que ela havia plantado na mente dos detetives que a procuravam. Lorde Robert deve ter perdido uma fortuna com elas. Enquanto isso havia ensinado a jovem a ser uma cortesã.

Mas o tempo de vingança passara. O jovem já sofrera bastante por ter sido tão ingênuo. Iria ajudar Leanah e lorde Robert, uma Douglas como ela e um Northumberland como Henry. Robert também era filho da mulher que se casara com o amor de sua vida.

Não somente ela estava empenhada em ajudar aqueles dois jovens. A duquesa de Pudhoe também estava. Esta, que antes de se tornar duquesa fora a ama da duquesa viúva de Pudhoe, e sofrera demais nas mãos daquela dama, a ponto de chegar a dormir com uma vaca para não morrer congelada, não havia se esquecido de como era ser pobre, sem proteção. De como amar doía. Talvez por isso Leonora ajudasse tanto as pessoas. Havia socorrido Eliza, a filha de Izabele, quando esta chegara da Prússia, sem dinheiro, sem amigos e ainda por cima perseguida por um tirano prussiano. Leonora também ajudara Harriet Neville, quando a lady se apaixonara por um simples cocheiro em Paris.

Mas hoje estavam todos felizes. Leonora já havia dado o herdeiro de que o duque tanto precisava, não somente um herdeiro, mas uma menininha linda, pela qual o pai tinha adoração, pois era a cara da mãe. Eliza tinha uma família numerosa. Ela assim o havia desejado, pois sempre se sentira só. Elizabeth sorriu ao se lembrar do que tinha escutado da parte de lorde Robert – com aquela sua eterna mania de ouvir atrás das portas –, quando a comitiva do conde chegara recentemente a Northumberland House, vinda de Alnwick Castle, com três carruagens e seis batedores, pois em uma carruagem só não caberia a extensa família. Lorde Robert, no auge de sua amargura, havia dito: “Meu Deus! Esse cara vive montado nessa mulher!”

Entretanto, aquela amargura do jovem tinha uma razão. Ele era casado e não tinha esposa. E isso o impedia de ter a mulher que ele queria. Elizabeth sabia que Leonora, quando se propôs a ajudar Leanah, tinha contado para Arthur Pearl Clifford, o duque Pudhoe, seu marido. E que este, o melhor amigo de Edward Percy, a ponto de o conde ter dado ao seu herdeiro o nome do amigo, também sabia de seu plano de juntar Leanah e lorde Robert. Somente isso explicava o envelope cheio de dinheiro que Mr. Kaufmann, o secretário do conde, tinha lhe entregado nas vésperas de sua partida para a Índia. Com aquele montante, as duas podiam ficar anos ali sem passar qualquer necessidade e Mr. Kaufmann ainda lhe havia dito que o escrevesse se precisasse de qualquer tipo de ajuda.

Após esperar por algum tempo, Party mandara o indiano chamá-la e levá-la aos seus aposentos. Ainda era cedo para visitar uma dama da noite, Elizabeth sabia, mas precisava combinar tudo com ela. Precisava da ajuda de Party para descobrir se lorde Robert já estava em Calcutá. E para todo o plano que tinha traçado junto com Leanah.

Ela havia escolhido um hotel próximo à Casa da Festa, pois, quando o

lorde visitasse o estabelecimento – e Elizabeth sabia que ele iria – Party mandaria chamar Leanah. Seria uma surpresa e tanto. Ela adoraria estar ali para ver a cara dele quando pensasse que Leanah se tornara uma cortesã de luxo.

HAVIA várias semanas que lorde Robert estava em Calcutá. Tinha visitado os portos, contratado homens de confiança indicados por colegas britânicos que viviam naquela exótica colônia, mas demorariam ainda vários meses para que o exército britânico chegasse ao Afeganistão. Ele estava entediado.

– Satish – lorde Robert chamou o homem que lorde Palmerston designara como seu guarda-costas, valete e faz-tudo.

– Sim, milorde.

– Conhece a Casa das Festas?

– Nunca fui lá, milorde, pois só os nobres têm como pagar pelas damas.

– As damas. Como são? São bonitas?

– Demais, milorde. Tem brancas de seu país e as nossas mulheres. Milorde poderá escolher.

Lorde Robert, antes de partir para a Inglaterra, havia procurado a atriz Tyes Tipple, sua amante, e havia proposto levá-la com ele. Tyes era linda, gostosa, e ele ainda não tinha enjoado dela. Havia conhecido a moça em Paris, ocasião em que fora à procura de Leanah. Como estava cansado de correr atrás do vento, resolvera tomá-la como amante. Mas Tyes acabara de ser selecionada para um grande papel, na mais famosa companhia de teatro da Inglaterra, e negou-se a acompanhá-lo, dizendo que esperaria por ele. Mas ele havia posto um ponto final na relação, o que muito magoara a dama. Entretanto, ele não era otário de manter uma dama que não usufruiria. Já fora um ingênuo no passado, e essa ingenuidade apenas o enterrara vivo.

Ele caminhou com passos decididos para a Casa da Festa. Estava cheio de energia. Desde que saíra de Londres não tocara em uma mulher. Estava prestes a matar alguém de tão tenso. Precisava de diversão.

A dona do estabelecimento, uma dama que originara o seu apelido, tão colorida quanto uma árvore que ele vira na América repleta de araras, veio em sua direção.

Oh, um belo inglês! Como se chama, milorde?

Robert Percy, madame, à sua disposição – ele disse, sorrindo.

– Oh! E que galante! – a dama sorriu de volta, levando-o na direção de um sofá, ao mesmo tempo em que fazia um sinal para alguém escondido atrás de uma cortina.

Robert observou o lugar. Era luxuoso. Embora a dona fosse bastante espalhafatosa, a Casa da Festa tinha cores harmoniosas. Ele pediu uma bebida e lhe perguntou se podia conhecer as mulheres.

Ah, sim. Tenho uma perfeita para milorde. É a mais linda dama que eu já vi nesse ramo. Tem olhos azuis-acinzentados, a pele perfeita, sem qualquer marca, cabelos negros, lisos, e que sorriso! E aquele corpo! Não tem nenhum homem que não se apaixona por ela na hora.

– É daqui? – lorde Robert perguntou, ansioso.

– Não. É inglesa. Tem alguma objeção às mulheres de seu país, milorde? Deseja experimentar uma nativa?

– Não. Hoje quero essa inglesa – ele respondeu, excitado.

– Sim, vai ficar louco por ela. Todos ficam. Aqueles olhos, naquele tom de pele morena clara, aqueles cabelos lisos e negros, aqueles lábios arredondados e rosados.

– Pelo amor de Deus! Traga-a para mim. Está me deixando louco! – ele virou o líquido de seu copo na garganta e ficou de pé.

– Sim. Imediatamente. Vou levá-lo ao seu quarto e Anandi o encontrará lá.

– Anandi? – ele perguntou? Este nome não é um nome inglês.

– Não. Ela adotou um nome indiano. Significa felicidade.

CAPÍTULO VII

Fogo da Minha Vida

De volta ao Garbh, Aedh Garvery estava furioso consigo mesmo. Decepcionado. Esta era a palavra com a qual ele descreveria o que sentia por si mesmo. Como não suspeitara que ela fosse virgem? Ela nem sabia beijar. Não podia ter baseado sua não virgindade somente pela ousadia dela. Como perdera o controle daquela forma brutal? Tinha estuprado aquela jovem de forma violenta. Tomara por gritos de prazer os seus gritos e no afã do desejo não notara que a machucava.

Ele ainda tinha preso em sua mente o olhar de desespero dela quando terminara, o sangue que escorria em sua alva pele e as lágrimas. Ela me odiará para sempre e não é para menos. Eu mereço seu ódio e seu desprezo.

Havia trabalhado o dia todo com seus marujos, ajudando a carregar o Garbh de suprimento, de água, pois zarparia dali a dois dias. Iria para a Índia. Compromissos envolvendo a British East India Company esperavam por ele. Um navio tinha sido perdido numa tempestade e precisavam do Garbh para substituí-lo até que outro estivesse pronto para retomar a rota. Não podia dizer não ao pai.

A moça estaria segura na fazenda. Até que recobrasse a memória era mais seguro que ela ficasse lá. Havia orientado seu administrador para que não deixasse nada faltar a ela e ordenara a Gonzalez que lhe mandasse uma carta por dia contando todos os passos dela.

Deitado em sua cabine, ele fechou os olhos numa vã tentativa de esquecê-la, o que sabia ser impossível. O seu gosto estava vivo nele, o cheiro da sua pele, a maciez, a temperatura. Como ela era quente. Deus! Ele estava louco por aquela mulher. O que não faria para conseguir o perdão dela?

Ouviu passou subindo as escadas e a porta se abriu abruptamente.

– Como ousa partir e me deixar? – disse ela. Seus cabelos estavam soltos e parecia que uma chama obstruía a porta de sua cabine. Os olhos verdes estavam arregalados e ela estava furiosa. Ele levantou da cama e foi até ela. Segurou-a pelos ombros, pois precisava tocá-la.

– Não parti. Ainda estou aqui.

– Mas pretendia fazer e ainda por cima sem me levar. Bane me contou que vai zarpar para a Índia depois de amanhã de madrugada. Quantos meses ficaria fora e me deixaria lá, sozinha, na fazenda? E sem ao menos se

despedir – ela quase gritava. Suas mãos estavam fechadas de indignação. – Fez aquilo comigo e me deixou...

– Acalme-se. Danação! Nem sei como te chamar! Bane fala demais. Como chegou até aqui?

– Gonzalez. Eu disse que viria de qualquer jeito. Então ele não teve alternativa senão me trazer. E não sou nenhuma danação. Quando subiu em mim não parecia achar que eu fosse uma danação.

Ele a olhou surpreso. Como ela era linda. Em pé na sua frente, parecia uma guerreira nórdica. Estava ofendida com ele, mas estava ali e queria partir com ele.

– Como queria que eu ficasse depois do que eu lhe fiz? Eu a feri – a voz dele estava terna.

– Não teve culpa. Eu pedi que fizesse daquela forma. Eu não sabia... que doía. Você também não sabia que eu era virgem... dona Pêra me explicou, ninguém teve culpa e eu lhe quero ainda.

– Você me quer? – ele parecia muito surpreso.

Ela pensou por alguns momentos enquanto olhava para ele. Por fim, disse.

– Dói, mas mesmo assim eu lhe quero, pois dói mais ainda ficar longe de você. Talvez se fizesse mais devagar...

Ele sorriu e tomou-a nos braços, beijando-a loucamente.

– Minha querida, minha delícia, você me perdoou então?

– Se me levar com você eu o perdooarei por aquilo e por todas as outras vezes que me tomar de novo – ela lhe beijava daquele jeito dela, que ele adorava e que o deixava louco de desejo.

– Não sentirá mais dor, querida. Foi só na primeira vez. Eu lhe prometo. De agora em diante será só prazer. Meu Deus! Como devo lhe chamar? Precisa de um nome.

Ela sorriu e sacudiu os cabelos. Então ele disse: – Já sei, será Fogo da Minha Vida. E levou-a para seu beliche, deitando-se ao lado dela. Despiu-a lentamente, beijando-a em cada pedaço do seu corpo. Também se despiu e voltou para o lado dela para ser acariciado por mãos quentes, macias, porém, ousadas. Ela começou a beijá-lo. Cada parte do corpo dele sentiu a temperatura daquela boca, incluindo seu membro, o qual ela segurou firme. O que ela pretendia fazer?

– Oh, meu Deus! – ele gemeu. Ela colocava seu membro na boca e lambia a enorme glândula com uma língua sedosa. Ele, desesperado, pois não aguentaria mais um minuto sem explodir dentro de sua boca, pegou-a e

trocou de lugar com ela, dando-lhe o mesmo tratamento. Fogo de Minha Vida gemia livremente e pedia que ele a possuísse, pois ela queria senti-lo dentro dela. Ele, devagar, se posicionou entre as pernas dela, e colocou apenas a ponta, num martírio para os dois.

– Ah, meu Deus, coloque tudo, não posso esperar mais – pediu ela, levando a língua à sua boca, tocando-a com movimentos ágeis e apaixonados. Aedh, que se segurava para não ir antes dela, beijou-a imitando uma penetração. Antes devagar e depois com movimentos vigorosos.

– Aedh – ela gemeu. – Faça lá o que faz com minha boca.

– Ele a penetrou devagar, mas completo, fazia movimentos lentos de vai e vem, uma tortura. Quando ela percebeu que não sentiria mais dor, pediu, implorou.

– Com força, tome-me com força.

E ele a tomou. Acoplou-se a ela, que o prendia com suas pernas, e a tomou com fúria como se a domasse. Ela gritou seu nome repetida vezes, até que seu corpo todo estremeceu e ele sentiu que ela estava vivendo o que ele viveria em seguida. Arremeteu-se profundamente mais uma vez e gritou: – Fogo de Minha Vida, eu a adoro – deixando seu corpo cair, pesado, satisfeito, sobre o dela!

CAPÍTULO VIII

Uma felicidade chamada Anandi

Lorde Robert foi deixado em um quarto pela dona do estabelecimento e já esperava há mais de meia hora e nada de Anandi aparecer. Uma afronta, pensou ele, cheio de uma mistura de ansiedade e desejo. Pôs-se a andar de um lado para outro no aposento e quando viu que aquela atitude só o deixava ainda mais tenso, sentou-se com um sorriso irônico nos lábios no qual se via raiva e malícia: – Essa tal de ‘dona da felicidade’ terá que compensar-me por essa desfeita.

Mas não ficou nem dois minutos sentado. Levantou-se e serviu-se de uma bebida forte estrategicamente colocada no aparador de madeira escura. Voltou a caminhar pelo quarto tocando um objeto aqui outro acolá. Ansioso. Excitado. Exasperado. Angustiado. Nenhuma mulher o havia feito esperar tanto. Essa vadia me pagará por essa desfeita. Não serei gentil com essa vagabunda. Já ia sair à procura da cortesã, quando ouviu passos do lado de fora.

Sentou-se à espera dela. Tentou relaxar. Impossível.

Percebeu que alguém abria a porta bem devagar. Ergueu-se da grande cadeira de espaldar de veludo vermelho com os olhos presos à porta.

Ela entrou. A dama estava usando uma máscara. Ele via apenas uma boca bem desenhada, pintada, sedutora. O quarto estava na penumbra, mas ele notou que a dona do estabelecimento não havia exagerado na descrição de seu produto: ela era belíssima. O hobby branco e transparente deixava à mostra um corpo magro, esguio, mas com contornos harmônicos e perfeitos. Seios firmes, pernas longas e bem torneadas. Os cabelos eram negros e brilhavam sob a tênue luz que insidia sobre eles.

Ele estava muito excitado.

– Por que demorou tanto, Anandi? Vai ter que me compensar por isso. Venha até aqui, venha – ele disse, sorrindo. Toda a sua raiva tinha se esvaído.

Ela andou bem devagar até ele. Parecia que o temia e que tremia. Não! Não podia temê-lo, nem estar tremendo. Aquela dama era uma cortesã. Devia ser mais um dos muitos truques que elas usavam para deixar os homens loucos de paixão. E estava funcionando. Primeiro o deixara esperando, não antes da propaganda que a dona do lugar tinha feito sobre ela. Agora ele estava a ponto de ejacular antes mesmo de tocar nela.

– Quero vê-la nua. Tire a roupa para mim, Anandi – ele mandou.

Ela, com os olhos presos aos dele, levou uma das mãos lentamente à alça do hobby e baixou-a muito devagar até deixar um ombro à mostra. Interrompeu o gesto ainda olhando para ele. O lorde estava como que hipnotizado. Ela, na mesma velocidade que vinha agindo, levou as duas mãos aos cabelos e os soltou parcialmente. Depois sacudiu a cabeça de forma sedutora. Eles caíram como uma onda negra sobre os ombros dela. Ele suspirou e gemeu extasiado. Anandi, como para compensá-lo pelo gemido, lentamente tirou o hobby. Mas somente o hobby.

Lorde Robert estava a ponto de rasgar aquela roupa, mas ela tinha uma autoridade no olhar que mantinha-o onde estava, paralisado, só olhando, sem tocá-la. Ela levou uma mão à fina alça da camisola e foi descendo bem devagar, de forma que parte do bico rosado de um dos seios apareceu. Ele ficou louco, queria ver mais, pediu mais, mas ela mudara de ideia.

Anandi aproximou-se dele e o empurrou devagar para a cadeira onde o lorde estivera sentado há pouco. Ele tentou segurá-la, mas ela gentilmente libertou seu seio que já estava em suas mãos.

Sempre em silêncio, a dama levou suas mãos ao botão das calças que ele usava e abriu-o. Ele mal respirava, ou quando não conseguia mais conter sua respiração, ela saía ruidosa, mostrando toda a excitação que ele sentia. Devagar ela pegou no membro que já saltava para fora da abertura da calça. Acariciou-o com habilidade, contornando com o polegar a ponta umedecida.

Abaixou-se devagar em frente à cadeira e levou os lábios entreabertos à ponta do enorme membro que pulsava de desejo. Sempre olhando as reações dele. Naquele momento desesperado, com a ponta da língua ela contornou toda a inchada glândula. Ele gemia alto e segurava a cabeça dela com força para que ela se mantivesse ali. Não satisfeita, ela introduziu o membro dentro da boca de forma profunda, ao mesmo tempo em que o segurava firme na base e acariciava os cheios testículos. Ele não aguentou. Quando ela tirou e colocou o membro inteiro dentro daquela boca linda, aquilo foi demais para quem estava há dias em total abstinência.

Ela não tivera nojo dele, muito pelo contrário. Ele observou as reações dela. Parecia ter gostado.

Ele nunca tinha feito aquilo, não que não sonhasse com exatamente aquilo todos os dias, mas um sábio, a quem ele admirava, havia dito que o homem cuja mulher engolissem sua essência ficaria preso a ela para sempre, por paixão, pois o sêmen do homem continha sua própria alma. O que ele

questionara como asneira, mas até então tinha contido aquele desejo. A última coisa da qual precisava era ter sua alma presa a de uma prostituta. E ele apenas saía com mulheres cuja fama não fosse boa. Já bastava Leanah Douglas, a quem ele estava preso há anos e que fazia da sua vida um inferno. Mas ele não iria pensar em Leanah logo agora, embora tivesse que admitir que todas as mulheres as quais saíra até então tivessem alguma semelhança com ela: fosse à cor da pele, dos cabelos, a boca rosada e carnuda, a voz. Tyes, sua última amante, era muito parecida com ela, quando mantinha a boca fechada.

Mas naquele dia ele não se contivera. Aquela Anandi era a própria felicidade.

– Não tive qualquer chance – disse ele, levantando-se e não se dando ao trabalho de fechar suas calças. Foi até a mesa de canto e serviu-se de mais uma bebida. Ofereceu-lhe e ela aceitou.

– Como se chama? Isto é, como é seu nome inglês?

Ela não respondeu e baixou a cabeça.

– Lógico, como fui grosseiro. Não deseja revelar seu nome verdadeiro.

Ela apenas sacudiu a cabeça. Tomava sua bebida com suaves goles.

Lorde Robert estava enfeitiçado por aquela dama. Queria-a várias vezes. Ainda não estava satisfeito. Nem ao menos lhe tocara.

Ele observou que ela foi até o aparador e deixou sua taça, depois caminhou para onde estava uma enorme banheira já cheia de água. Fez sinal para que ele se aproximasse. Ele foi até ela. Para sua surpresa, ela começou a despi-lo. Ele se deixou levar. Já estivera com várias outras cortesãs espalhadas pelo mundo, mas nenhuma o deixara assim, tão excitado.

Completamente nu ele notou que ela lhe media de cima a baixo. Era excitante vê-la também excitada. Ela chegou a circular no entorno dele para vê-lo de todos os ângulos. Mas ele mesmo não a tinha visto, nem tocado ainda da forma que ele queria tocar. Ele sorriu. A expectativa de vê-la nua deixava-o excitado.

Ela fez sinal para que ele entrasse na banheira. Ele entrou. Anandi pegou o sabão e começou a ensaboá-lo. A carícia era deliciosa.

Lorde Robert tentou tirar-lhe a máscara, mas ela não permitiu. Ele já estava pronto de novo. Seu membro pulsava na mão dela.

Quando saiu da banheira, ela secou-o. Anandi agora permitia que ele a tocasse. E ele o fez. Tocou seus cabelos, eram macios, cheirou-os, tinha o cheiro delicioso; desceu para o pescoço dela, beijando-os; tocou os seios

sobre a camisola e colocou seus dedos sob a seda contornando um mamilo.

– Fique nua para mim, Anandi – sua voz agora estava mais terna. Ela o olhou nos olhos. Lorde Robert sobressaltou-se. Não. Era impossível. Ele pensou. Havia milhares de olhos azuis-acinzentados.

Lentamente ela ficou nua para ele. Era perfeita. Ele nunca tinha visto maior perfeição.

– É a mulher mais linda que eu já vi nessa minha vida. Eu a quero desesperadamente, Anandi. Quero estar dentro de você – disse ele, beijando-a. Ele não costumava beijar as cortesãs, mas sentiu uma vontade incontrolável de beijar Anandi. Também queria vê-la inteira, sem uma máscara entre eles: – Tire a máscara para mim, Anandi. Desejo conhecê-la totalmente, quero saber tudo sobre você, tenho planos para nós dois – ele a queria fazer sua amante.

Ela hesitou, mas com carícias cada vez mais ousadas ele pedia murmurando palavras nos ouvidos dela, quase um clamor: – Tire, Anandi. Preciso vê-la toda. Estou apaixonado.

Devagar ela tirou a máscara.

– Por Deus! – ele gritou – o que você está fazendo neste maldito bordel? – ele estava horrorizado e deu um passo para trás.

Lorde Robert estava lívido. Ela estava vingada. Nunca em toda a sua vida o vira daquela forma. Em choque. Mas o choque não demorara muito a passar, ele a agarrou. O beijo reparador continha desespero, raiva e remorso. Ela retribuiu colocando em prática as aulas que recebera de Elizabeth. Ele percebera a experiência e quase chorou. O que fizeram com minha Leanah?

Jogou-a na cama com uma mistura de raiva, desejo e um arrebatador ciúme. Sugou-lhe os seios sem gentileza, o mesmo entre as pernas dela, e a montou. Foi com uma única estocada. Ela gritou de dor. Ele parou. Não podia ser. Ela era uma cortesã.

Ou não?

Ele a olhou. Lágrimas desciam pelo rosto de Leanah. Ele estava confuso. Ainda dentro dela, pois ele ainda a desejava ardentemente. Perguntou: – Por Deus, Leanah. O que significa tudo isso?

– Vingança, Robert. Vingança... – ela respondeu.

– Vingança? Por quê?

– Você me abandonou e agora eu sou uma cortesã.

– Uma cortesã virgem? – ele ironizou.

– Foi apenas o meu primeiro homem, mas centenas de outros virão – ela

disse, desafiadoramente.

– Torça para que eu morra, então, pois somente assim terá outro homem, Leanah. E ele estocou de novo, mais uma vez, beijando-a, murmurando em seus ouvidos o quanto ela era linda, que ela era dele, para sempre.

– Minha, só minha, Leanah. Nenhum homem vai chegar aqui, Leanah. Só minha, minha, para sempre minha. Eu matarei qualquer um que tentar chegar aqui, Leanah. Ah, Deus! – ele gemeu –, como sonhei com este momento!

E entrava e saía dela, sempre murmurando que ela era linda, dele, e que ele a adorava.

Leanah tentou resistir não se envolver com aquele que lhe abandonara, mas seu corpo a traiu e ele lhe proporcionou a sensação mais deliciosa que ela já havia experimentado em sua vida. Viu-se agarrada a ele, estremecendo toda e gritando o nome dele.

Algum tempo depois, deitada no largo peito de Robert Percy, Leanah refletia no que faria daquele dia em diante. Não se tornaria sua amante, pois, caso se tornasse todo o seu esforço até ali teria sido em vão. Ela nunca teve dúvida de que ele voltaria logo após seu casamento para propor-lhe que ela fosse sua amante. Propor a sua humilhação. Fugiria, pois ouvir aquilo dele partiria ainda mais o seu coração.

Seus pensamentos foram interrompidos por ele.

– Conte-me tudo, Leanah. Como, por Deus, chegou até aqui?

– Lady Elizabeth Douglas...

– Eu sabia! – bradou Robert.

– Se não fosse por ela eu teria me tornado, de fato, uma cortesã, pois eu a procurei e pedi que ela me ensinasse a profissão.

– Para se vingar de mim – ele afirmou com um quê de tristeza na voz.

– Não somente. Eu não tinha do que... – ela hesitou. Encorajada por ele, ela continuou: – Eu não tinha dinheiro para nada. Não tinha do que viver. Nunca fui boa aluna, meu Francês é péssimo. Só me restava a prosti... – ele a interrompeu.

– Por que não me procurou? Por Deus, Leanah! Eu jamais lhe deixaria faltar nada.

– Você tinha me deixado faltar o básico... a razão para eu continuar vivendo – ela respondeu. Ele olhou-a comovido.

– Nunca me perdoarei por ter sido tão ingênuo e ter entrado naquele quarto de forma tão intempestiva.

– Elizabeth Douglas me socorreu. Deu-me todo o seu dinheiro e uma casa

para morar. Ainda me sustentou por todos esses anos, pois eu precisava de alimento, de carvão para não morrer de frio.

– Eu a procurei por todo o mundo, Leanah, e você estava em Londres. Meu Deus! Por que não me disseram que você estava em Londres? Todas sabiam, eu aposto. Minha cunhada, Elizabeth, a duquesa de Pudhoe e até a duquesa de Belvoir. Edward também sabia?

– Não. O conde não sabia, pelo menos Eliza me prometeu não contar, pois sabia que ele lhe contaria. Mas todas estavam do seu lado, queriam que eu o procurasse. Não lhe contaram por lealdade a mim. Eu não queria ser encontrada, Robert. Estava ferida, magoada... Elizabeth então me visitava todos os dias e me ensinou o que sei.

Robert capitulou para não se esquecer de agradecer a Elizabeth no futuro.

– Por que não queria mais me ver? – ele perguntou, beijando-a. – Não acreditou que fui forçado a me casar?

– Acreditei. Mas por que não anularam o casamento? O conde, seu irmão, é tão poderoso...

– Ele tentou. Por Deus! Como Edward ficou louco com isso, mas Charlotte Mortimer desapareceu. A corte entendeu que sem uma esposa não podia haver anulação.

– E então você se tornou um devasso – ela o acusou. Tinha escutado histórias e mais histórias das amantes dele.

– Eu a procurei pelo mundo todo, Leanah, e não achei. Não queria que eu me tornasse monge.

– Então também não poderia exigir virgindade.

– Eu a aceitaria da forma que você viesse, Leanah. Mas já que veio virgem, e eu fui o primeiro, ninguém, está me ouvindo, Leanah, ninguém a tocará de novo. Você é minha. Nem que para que isso eu tenha que lhe trancar, amarrada aos pés da minha cama, vigiada dia e noite – ele a beijou de novo.

– Só eu a tomarei, na hora que eu quiser e como quiser. Nenhum homem, nunca, tocará nesse corpo ou nessa boca – ele passou seu dedo sobre os lábios dela e os beijou de novo demoradamente. Da boca desceu para o pescoço, para os seios dela. Ficou beijando-os por muito tempo. Depois beijou sua barriga lisa, desceu, beijou-a demoradamente entre as pernas, até que ela implorasse para que ele a tomasse, coisa que ele atendeu prontamente.

Muitas horas depois quando os dois estavam exaustos de tanto se amarem:
– Vou levá-la comigo para o meu hotel, querida. Aqui você não vai ficar.

Vou levá-la comigo nem que seja arrastada.

– Não estou hospedada aqui, Robert.

– Não? Onde está então?

– No hotel Indra.

– Mas quero que fique comigo de agora em diante. Terá a minha proteção, Leanah.

– Não serei sua amante, Robert – ela o desafiou. A antiga boa moça aceitaria aquilo sem pestanejar, mas Leanah tinha mudado. Robert percebeu a mudança.

– Já é minha amante, Leanah. O que você acha que as amantes fazem? – disse ele e Leanah corou.

– Eu sei o que as amantes fazem, mas eu não...

– Vamos viver aqui, querida. Longe da Inglaterra ninguém sabe que sou um homem casado. Moraremos aqui para sempre, você será a minha Mrs. Percy, será a mãe de meus filhos, a esposa que eu escolhi.

Aquilo comoveu Leanah. Ele percebeu que ela chorava.

– Não chore, querida. Não mais. Nestes últimos anos eu fui um dos homens mais infelizes da terra, mas a felicidade chegou para nós.

CAPÍTULO IX

A escrava branca

De uma coisa Leanah tinha certeza, não seria amante de lorde Robert. Sobretudo lamentava que o homem que ela havia amado a vida toda não existisse mais. Tampouco ela era a mesma pessoa. O lorde doce, educado, sorridente havia morrido junto com aquele casamento forçado. No lugar dele nascera outro, cuja aparência era igual, mas um perverso. Ela vira como ele tratara Anandi. Cheio de desejo e luxúria. Quando ele soube que Anandi era ela, a Leanah do passado, a moça de quem ele fora noivo, continuou agindo da mesma forma. Para ele tanto fazia se fosse Anandi, Leanah ou outra prostituta qualquer. Em nenhum momento ele lhe dissera que a amava. Disse-lhe que lhe adorava, mas quando seu membro estava na boca de Anandi, ele lhe dissera a mesma coisa. Lorde Robert tornara-se um devasso, um amante das prostitutas e das cortesãs mundo afora. Seu antigo Robert havia morrido. Quando Charlotte Mortimer, sua mulher, reaparecesse, ele largaria qualquer uma delas pelo dever. Pela honra a qual ele havia se casado e a abandonado. Ela que não esperaria por mais aquela humilhação.

Saiu pelos fundos da Casa da Festa, pensando em chegar ao Indra pegar sua bagagem e fugir para o porto, no qual pegaria um navio de volta à Inglaterra e, de lá, para a América, pois iria atrás de seu irmão – seu parente mais próximo –, ela ouviu uma voz num dialeto desconhecido. Virou-se rapidamente e viu o homem de confiança de Party apontando para ela. O resto foi muito rápido. Sentiu braços segurando-lhe, um pano no nariz, um cheiro forte, e a escuridão.

LORDE Robert levou a mão para acariciar pela milésima vez o corpo de Leanah, aquela protuberância arredondada na parte de trás, a qual ele adorava, para se deparar com a cama vazia.

– Leanah – ele chamou, assustado. Seu coração acelerou. No fundo da alma ele sentiu que ela o abandonara. Viu-se à procura dela novamente, toda aquela tortura pela qual passara nos dois últimos anos.

Leanah – ele gritou. E seu grito foi ouvido em todos os quartos da Casa da Festa. Ele se vestiu às pressas e desceu as escadas calçando as botas.

- Aonde ela foi? – perguntou para a primeira mulher que viu.
- Ela quem, milorde?
- Onde está sua patroa?
- Vou chamar – respondeu a mulher virando-lhe as costas. Party chegou em seguida, ainda vestindo um pomposo hobby.
- O que aconteceu, milorde?
- Onde está, Leanah, Anandi, seja lá qual for o nome dela?
- Vejo que gostou dela, milorde – a dama sorriu um riso garboso.
- Vejo que ela não está aqui – respondeu ele, saindo às pressas em direção ao hotel que Leanah disse que estava hospedada.
- Maldita mulher rancorosa, vingativa! – ele murmurava enquanto andava. Chegou à recepção do Indra e perguntou por miss Leanah Douglas.
- Miss Douglas não está, milorde. Apenas Mrs. Douglas.
- Onde é o quarto dela?
- Da senhorita Douglas ou da senhora Douglas?
- Inferno! Das duas.

O assustado atendente o levou e mostrou-lhe duas portas, uma ao lado da outra. Apontou para uma e disse: – Miss Douglas e para a outra, Mrs. Douglas.

Ele bateu na porta do quarto de Leanah e nada. Bateu mais uma ou duas vezes sem obter resposta. Chutou a porta e entrou. A cama estava vazia. Com o barulho, vários hóspedes chegaram às portas de seus quartos e olhavam para ele. Inclusive Elizabeth.

– Lorde Robert! – exclamou a dama assustada. Algo estava muito errado –, onde está Leanah?

LONGE dali, Leanah acordou ouvindo vozes. Vozes as quais ela nada entendia. Percebeu que estava numa carroça grande e fechada por todos os lados e que tinha as mãos e os pés atados por cordas. Sentia uma terrível sede. Ela gritou por socorro. Alguém abriu a porta e uma claridade cegou-lhe os olhos.

– Water – ela pediu. O homem de turbante parecia que não entendia seu idioma.

– I need water – ela repetiu –, sede – com esforço levantou as duas mãos e apontou para a boca. Parece que ele entendeu, pois voltou com um cantil e

despejou o líquido em sua boca. Ela bebeu avidamente. Sentia seu corpo dolorido e uma espécie de torpor. Sonolenta, deitou-se, e dormiu um sono agitado.

Acordou com um solavanco. A carroça parara. Alguém abria a porta. Muitas vozes. O dia estava amanhecendo. Ela foi tirada da carroça e levada para a parte de trás dela. Mandavam que ela fizesse alguma coisa. Ela não entendia. O homem gritou com ela, apavorada, ela chorou. O sujeito barbudo, sujo, cujo odor avinagrado, ácido, áspero dava-lhe náuseas, aproximou-se dela e forçou-a em posição agachada. Ela entendeu o que ele queria. Ela apontou para suas mãos amarradas. Ele negou com a cabeça. Ela apontou a corda em um de seus pés, como se dissesse que não poderia fugir e ele consentiu em desamarrar uma de suas mãos, mas não se afastou. Ela, entretanto, continuou sem se mexer e o babuíno gesticulou para que ela fizesse algo. Ela fez sinal para que ele se virasse.

Esse mesmo ritual acontecia duas vezes por dia. O homem barbudo, que parecia ser o líder, tirava-a da carroça e levava-a para a parte de trás onde era deixada por alguns minutos em privacidade, embora amarrada. O mesmo babuíno também lhe levava comida, quase sempre carne torrada na brasa, e água. Uma única vez pararam perto de um rio e ela apontou para a água sedenta por um banho. Sempre com uma corda em seu tornozelo, que lhe feria a pele deixando-a em carne viva.

Ela perdera a conta dos dias, se semanas, se meses. Havia muito tempo que estava com aquele bando selvagem. Evitava pensar em Robert, pois se pensasse sucumbiria. Sabia que aqueles homens a levavam para Cabul. Quando eles perceberam que ela não entendia o idioma deles, falavam livremente em alguém chamado Dost Mohammad Khan, que ela entendeu que era o Emir do Afeganistão e para quem ela seria levada. Mas ela não sabia se o Emir tinha encomendado o seu sequestro ou se ela seria vendida para ele.

Leanah estava doente, fraca, suas feridas doíam, tinha febre e a morte já era desejada como descanso para uma mente abatida. Por fim, quando ela começou a desejar desesperadamente o desfecho de tudo aquilo, fosse para o bem ou o mal, pois ela já não mais se importava, algo aconteceu. A carroça parou de vez e Leanah foi tirada para fora. Tinham chegado ao seu destino.

Cega pela claridade, ela custou a dar-se de que estava em um deserto, mas que havia habitações nele. Ela olhou para a enorme construção acinzentada à sua frente. Um palácio de pedra em meio à areia. Incontáveis janelas e torres

nos dois andares da fortaleza. Ao lado dela, cabanas de lonas, muitas delas, homens vestidos como os personagens das histórias de As Mil e Uma Noites, com turbantes e vários camelos com uma espécie de plataforma em cima como se as pessoas montassem neles. Ela foi empurrada para uma entrada em forma de “U”, que mais tarde soube se tratar da entrada da Cidadela de Candahar, a casa do Emir do Afeganistão.

Antes de ser levada à presença do Emir, ela foi conduzida a um aposento, no qual várias mulheres que a acudiram, todas falando ao mesmo tempo, prestaram-lhe solidariedade. Ela não entendia o que elas diziam, mas sentia o amparo de algumas e a raiva de outras. Deram-lhe um banho, trataram seus machucados nos tornozelos, deram-lhe de comer e de beber e lhe vestiram uma roupa estranha, uma espécie de roupa medieval, uma túnica de seda. Pela primeira vez em quase um ano, pois Leanah temia que muitos meses tivessem se passado, ela se sentiu limpa. Mas ainda estava magra e sentia-se doente. Pelo que ela entendeu o Emir não estava no castelo, portanto, ela seria cevada com todo tipo de alimento para que ganhasse peso e ficasse mais atrativa, consequentemente custasse mais.

Nesse ínterim, ela que não aprendera Francês fluentemente estava aprendendo algumas palavras daquele idioma tão diferente do seu. Entendera que agora ela era uma escrava do tal Dost Khan e que todas aquelas mulheres também lhe pertenciam. Um harém.

O Emir não demorou a retornar e quis conhecer a sua nova aquisição. Para preparar-se para o grande encontro com o monarca, Leanah foi levada para uma área especial onde foi colocada numa banheira com uma espécie de loção, um tipo leitoso com fragrância agradável. Vestiram-na com todo cuidado, colocaram-lhe uma túnica azul e pentearam seus cabelos até que brilhassem. Quando concluíram que ela estava à altura do Emir, foi conduzida por longos corredores até seus aposentos. No momento em que chegaram em frente à suntuosa porta, Leanah tremia. Bateram e deixaram-na sozinha à espera do que viria pela frente.

– Entre – uma voz de homem disse em inglês. Há quanto tempo ela não ouvia seu próprio idioma. Leanah quase chorou. Como ela demorasse para entrar, o Emir veio até a porta e a abriu. Leanah levantou seus olhos para se deparar com um jovem mestiço, cujos olhos pareciam preocupados com ela. Em meio ao pavor que ela sentia notou que ele tinha uma beleza diferente. Tinha a pele morena queimada de sol, os olhos eram claros, porém, duros. Os cabelos eram negros e lisos. Leanah pensou que em outro momento o acharia

belo, se seus olhos tivessem menos agudeza, sagacidade.

– Por que choras, Rosa Inglesa? – ele tocou de leve seu queixo, trazendo-a para dentro do aposento e fechando a porta.

– Meu idioma, senhor. Há muito não o ouço.

– Sabe por que está aqui? – ele lhe perguntou. A voz que instantes antes era terna agora tinha um quê de ameaça.

– Imagino, senhor.

– Imagina? Então me diga, Rosa Inglesa, pois estou curioso.

– Creio que para ser mais uma de suas amantes, senhor.

Dost Khan gargalhou. Leanah observou que rindo, ele de fato, era muito bonito, pois os olhos fechavam e toda a argúcia se perdia. Devia ter uns 35 anos e naquele momento ela quase não o temeu.

– E isso a assusta, obviamente.

– Um pouco, senhor.

– Mas você era a amante de um dos líderes do invasor estrangeiro, Rosa Inglesa – ele afirmou e Leanah estremeceu, corando.

– Não, senhor. Está enganado. Não sou amante de ninguém.

– Está mentido – ele gritou –, foi tirada de uma casa de prostituição e tinha passado a noite toda com ele. Saiba que não tolero a mentira, assim como não tolero a opressão. Somos um povo orgulhoso, Rosa Inglesa, que luta pela liberdade, independentemente do custo. Nossos vícios são a vingança e a obstinação. Por outro lado, gostamos da liberdade, somos fiéis aos nossos amigos, amáveis com nossos dependentes, hospitaleiros, corajosos, resistentes, frugais, laboriosos e prudentes. Este é o retrato do meu povo, Rosa Inglesa, do povo afegão a quem o seu povo quer dominar. Estamos prontos para defender esse país áspero contra o tirano inglês.

Leanah tremia. Ela estava perdida.

– Diga alguma coisa em sua defesa, Rosa Inglesa – por fim ele voltou com sua voz mais terna.

– Não sei o que dizer, senhor. Sou uma inglesa, filha do povo que deseja subjugar o seu, como o senhor disse. Mas eu nada sei sobre isso e esse não é o meu desejo. Os povos têm que ser livres. Fui bem tratada desde que cheguei aqui, embora os meus captores tenham me mantido amarrada a uma corda por meses a fio.

Ele levantou de onde estava, uma espécie de trono, e chegou mais perto dela. Tocou à face de Leanah, e perguntou?

– Qual é o seu nome?

- Anandi, senhor.
- Um belo nome. O que significa?
- Significa felicidade, senhor.
- Tenho certeza que veio me trazer felicidade, Anandi.

CAPÍTULO X

O reencontro

Northumberland House, Londres, 1839.

Caro irmão, foi com pesar que recebi a triste notícia que lady Elizabeth trouxe da Índia. Já tomei todas as providências, juntamente com Pudhoe. Desde o início fui contra essa maldita guerra, pois a ameaça percebida da Rússia foi amplamente exagerada por parte de lorde Palmerston, dadas as distâncias, as quase intransitáveis barreiras das montanhas e os problemas logísticos que uma invasão tem que observar. O Afeganistão é um cemitério para exércitos estrangeiros, todos sabem disso. Essa guerra foi iniciada sem um claro propósito, será levada a cabo com uma estranha mistura de temeridade e timidez e será encerrada depois do sofrimento e do desastre, sem muita glória associada nem à Coroa que a dirige, nem ao grande corpo de tropas que a conduz. Nenhum benefício, político ou militar, será adquirido com esta guerra. Nossa evacuação eventual desse país se assemelhará ao recuo de um exército derrotado. Pode apostar. Estou me comunicando como o Emir. Vou resgatar Leanah de Dost Khan. Em troca dela ele deseja que a Coroa o apoie no poder. Darei a minha palavra a ele e trarei Leanah de volta.

Edward Percy.

Calcutá, Índia, 1839.

Caro Edward,

Não venha para a Índia. Eu lhe imploro. A Companhia das Índias Orientais teme que os russos avancem para a Colônia via Afeganistão e, por causa disso, exige um Emir incondicionalmente britânico no trono de Cabul. Shuja foi considerado ideal para esta função. O governador geral da Índia, lorde Auckland, acredita fielmente que Dost Khan está armando uma emboscada usando um conde inglês e que Leanah foi a isca. Eles o querem e não a mim. Não sou conde, nem duque, não tenho qualquer título, portanto, minha vida nada vale para eles. Mas quanto a você, além de ser o senhor do condado de Northumberland, é meu único irmão, tem cinco filhos, pelo amor de Deus, não saia da Inglaterra. O exército dos Indus marchará para resgatá-la

NACIONAIS-ACHERON

e eu o liderarei.

Robert Percy.

LORDE Robert controlava o carregamento de suprimentos do Ankur, um navio da Companhia das Índias Orientais, quando um navio com a bandeira da Inglaterra entrou no porto de Calcutá. Era o Garbh, segundo os marujos do Ankur, liderado pelo temido capitão Aedh Garvery, filho bastardo do duque de Chalbeneys, um dos mais ricos da Europa, detentor das ações da British East India Company, a principal concorrente da Rapallini. Ele conhecia o duque de Chalbeneys, mas não ao filho. Falava-se em Londres que ele era um rebelde que abrisse mão da riqueza do pai e fora conquistar a dele próprio, coisa que lorde Robert admirava.

O Garbh atracou lentamente e algum tempo depois a tripulação começou a descer. De longe lorde Robert viu a cabeleira vermelha e reconheceu a prima. Como não reconhecer a mulher que destruíra a sua vida? Não podia ser verdade. Ele mal acreditava. Quando ele pensava que sua vida não podia piorar, lá estava ela, ressuscitada dos mortos, Charlotte Mortimer, a dama que o traía, juntamente com o pai, o degenerado lorde Mortimer.

Ele andou apressado, empurrando quem ousasse atravessar seu caminho. Seus olhos eram duas fendas e sua respiração estava ruidosa. Queria saber o que ela fazia ali depois de procurá-la por toda a Europa para anular o maldito casamento. Mas ela parecia muito feliz, a desgraçada, ia despreocupada, risonha, ao lado de um grandalhão com cara de pirata.

– Charlotte – ele gritou.

Nada. Ela nem olhou pra atrás.

Dissimulada, ele pensou.

– Miss Mortimer – nenhum sinal da parte dela.

Evidente. A maldita deve se considerar uma legítima Percy. Testou.

– Mrs. Percy – a mesma reação. Mas o pirata olhara para ele, intrigado.

– Charlotte Mortimer – lorde Robert gritou novamente e o acompanhante dela segurou-a pelo braço e voltou-se para ele.

– Conhece essa dama, senhor? – o pirata perguntou.

– Sim. É Charlotte Mortimer, de Londres. Minha esposa.

– Esposa do senhor? Só pode estar louco, meu senhor. Nunca o vi na vida

– Charlotte parecia indignada. Lorde Robert ficou confuso. Ele tinha absoluta

certeza de que era a prima, sua esposa.

– Como se chama, senhor? – o pirata perguntou.

– Sou Robert Percy. Sou casado com a dama que o acompanha.

– É lorde Robert Percy, irmão de Edward Percy, o nono conde de Northumberland?

– Vejo que conhece muito bem a minha família, senhor. Estou em desvantagem – respondeu lorde Robert e o pirata riu.

– Sou Aedh Garvery, o capitão do Garbh. Estudei com Hotspur, com Pudhoe e com Belvoir. É um prazer conhecê-lo, milorde. Seu irmão é um grande amigo meu. Mas ele me conhece como Brian, meu nome inglês.

– Conheço o seu pai, lorde Chalbeneys, e é um prazer conhecer um amigo do meu irmão – respondeu Robert, fazendo uma leve reverência.

– Isso não é necessário. Sou um homem do mar – respondeu Aedh.

– É o futuro duque de Chalbeneys. Devo-lhe respeito, milorde.

– Futuro o quê? – Charlotte parecia surpresa.

– Não sabia, prima? O cavalheiro que lhe acompanha é o herdeiro do ducado de Chalbeneys – havia muita ironia na voz do lorde.

– Prima? Nunca o vi na vida, cavalheiro. Por que insiste em me chamar de prima...

– Não me conhece, Charlotte Mortimer? Vou refrescar a sua memória. Fui obrigado a me casar com a dama. A lady e seu pai me enganaram, armaram uma cena para que eu a pegasse nua na cama. Acabaram com a minha vida. Que golpe que você e meu tio estão armando agora para o futuro duque de Chalbeneys?

Charlotte levou a mão à cabeça, parecia passar mal. Ela cambaleou e só não caiu no chão porque Aedh a segurou.

– Fogo da Minha Vida. O que há com você? Está bem?

– Fogo da Minha Vida? Que nome é este, Charlotte? Está claro que se trata de mais um plano familiar para enganar também lorde Chalbeneys. Pare já com isso. Você me deve respeito.

– O que está havendo? Por que trata a minha mulher com tanta falta de cordialidade? – perguntou Aedh olhando duro para lorde Robert.

– Sua mulher? – lorde Robert gargalhou –, ela é minha mulher.

– Eu não enganei ninguém – Charlotte gritou –, meu pai subornou a minha ama. Eu nunca faria uma coisa tão suja, Robert.

– Você se lembrou – lorde Robert escutou lorde Chalbeneys falando.

– Sim, de tudo. Oh, meu Deus!

– O que está havendo? – agora era Robert que não estava entendendo nada.

– Por que não nos sentamos como pessoas civilizadas e esclarecemos as coisas? – propôs Aedh.

ALGUMAS horas mais tarde, sentados no jardim do Calcutá Hotel, com todas as dúvidas esclarecidas, Charlotte falou: – Leanah, sequestrada? Ai, meu Deus! Eu sou a culpada de tudo.

– Não diga tal coisa, Fogo da Minha Vida. Que culpa teve você? Foi tão vítima como qualquer um dos três.

– Sim, prima, lorde Chalbeneys tem razão.

– Por favor, lorde Robert, chame-me de Aedh ou capitão Garvery.

Robert concordou.

– Eu conheço o Emir do Afeganistão – disse Aedh –, Dost Khan me deve um favor. Se ele for leal como diz que é com os amigos, estaremos com sorte.

– Qual favor aquele tirano lhe deve? – perguntou lorde Robert.

– Salvei-lhe a vida certa vez. O navio dele tinha sido atacado por piratas russos. Talvez eu tenha sorte em trazer sua noiva sem derramamento de sangue.

– Se conseguir isso, milorde, terá em mim seu maior devedor.

– Só pedirei uma coisa em troca, lorde Robert. Que anule o casamento com Fogo da Minha Vida.

– Nunca toquei em um só fio de cabelo dela, milorde.

– Eu sei disso, lorde Robert. Se o casamento não foi consumado, não há casamento.

– Sim, será anulado se Charlotte afirmar isso.

– Eu afirmarei que ela era virgem – disse Aedh.

CAPÍTULO XI

O resgate

Lorde Robert teimava em ir com Aedh Garvery, pois Leanah era responsabilidade dele e não de Aedh. Argumentava que ela havia sido sequestrada por culpa dele. Que ele nem deveria estar ali na Índia, que foi por causa da sua amargura que Leanah tinha se colocado naquela situação. Ele estava magro, tinha envelhecido anos, mal dormia e mal comia.

O capitão, contudo, disse-lhe que seria mais prudente que ele enviasse uma carta para o Emir antes que os lordes empreendessem a longa viagem até Cabul. Assim foi feito. Na carta, Aedh explicava ao Emir que a inglesa era noiva de um dos seus grandes amigos e pedia encarecidamente que a liberasse em nome da amizade que os dois fizeram no mar.

Em Cabul, todavia, Leanah enfrentava seus piores pesadelos: Dost havia mandado avisá-la que naquela noite ela dormiria com ele. Aflita ela andava de um lado para outro, perto de uma espécie de banheira coletiva, na qual as mulheres do Emir banhavam-se. Outras, sentadas no aposento, uma espécie de jardim, pois o local não possuía teto, observavam sua aflição sem oferecer qualquer tipo de socorro, pois, para qualquer uma daquelas mulheres serem chamadas à presença do Emir era uma honra. Entretanto, para Leanah, era o desfecho de uma morte que tivera início nos meses em que ela enfrentara o calor, a dor, e a aflição no deserto.

Mas a despeito de seu pavor a noite chegara e ela fora conduzida à presença do monarca.

– Como disse que se chamava mesmo, Rosa Inglesa?

– Anandi, meu senhor.

– Sinto-me aliviado, Anandi. Recebi uma carta hoje de um cavalheiro inglês para o qual eu tenho uma dívida de honra. Ele me pediu para que eu libertasse uma dama que, segundo ele está em meu poder, mas o nome dela é outro – disse o Emir.

Leanah sobressaltou-se e olhou para ele. Seus olhos suplicaram por sua atenção.

– Por um acaso o nome da dama seria Leanah, senhor?

Dost olhou-a de volta. Seus olhos eram como os de um falcão.

– E se for, Anandi? O que tem a dizer sobre essa outra dama?

Leanah tremia visivelmente. Havia mentido e agora estava nas mãos

daquele tirano que, pelo que ela ouvira dizer, jamais perdoara uma mentira.

– Sou eu, meu senhor.

– Então mentiu para o Emir? Sabe o que acontece para quem mente para o soberano?

– Não lhe menti, senhor. Também sou Anandi.

– Confesso que estou confuso, Rosa Inglesa. Pode explicar-me?

– Sim, senhor. É uma longa história.

– Tenho a noite toda, Rosa Inglesa. Convença-me a lhe soltar. Se a sua história me agradar, amanhã cedo estará a caminho da Inglaterra. Se não me agradar, será minha amante, pois eu a desejo. Então a sua história terá que ser maior que meu desejo por você.

Três meses depois.

A invasão do Afeganistão tinha começado pelo território Baluch via Quetta. As tropas da Companhia das Índias Orientais lutavam nos áridos desertos do Baluchistão e muitos já tinham chegado a Kandahar. Para alívio do exército britânico a cidade não fora defendida pelo Exército de Dost Mohammed. Os soldados comemoraram, pois estavam sedentos e famintos e teriam muitas baixas se os afegãos tivessem feito oposição a eles em Kandahar. Lorde Robert, impedido de fazer parte do exército por lorde Palmerston, pois era o homem de confiança da Coroa na Índia, lamentava dia e noite a hierarquia militar que impedia que ele desobedecesse as ordens do general e avançasse por conta própria para resgatar Leanah. Há meses a carta fora escrita por parte do lorde de Chalbeneys para o Emir afegão e nenhuma resposta.

– Se for sozinho morrerá, lorde Robert – disse Aedh –, não vê que é o homem da Coroa na Índia? Será morto sem piedade. Estamos numa guerra.

– Eu preciso fazer alguma coisa. Não vê que não posso ficar parado, à espera da boa vontade daquele sequestrador?

– Lorde Robert, diga-me uma coisa. Como tem certeza que lady Leanah foi sequestrada?

– Não temos. Não sabemos se ela está mesmo lá, imaginamos que esteja, mas também há possibilidade de que ela tenha fugido.

- Por que ela faria isso? – perguntou Aedh.
- Porque eu sou um imbecil.
- Aedh riu.
- Quer falar sobre isso? Talvez ajude.

O NAVIO da Marinha Real Britânica ancorou naquela manhã no porto de Calcutá e trazia a bordo, além da tripulação, o conde de Northumberland, os duques de Pudhoe e Belvoir.

Lorde Robert foi surpreendido pela chegada do trio do Norte.

– Mas o que estão fazendo aqui? – esta foi a saudação de boas-vindas do lorde.

– Viemos buscá-lo, Robert – foi o duque de Pudhoe quem respondeu primeiro.

– Perderam a viagem, pois eu só saio da Índia quando libertar Leanah das mãos daquele Emir miserável.

– Leanah está em Pudhoe House – respondeu lorde Edward.

– O quê? Isso é verdade? Mas como ela conseguiu? – ele temia acreditar.

– Sim, Robert. Harriet e Eliza estão com ela. Vamos sentar e contaremos tudo para você. Vamos comer também, estamos todos famintos.

– Leonora também está com ela, Robert – disse Pudhoe.

– E o quarteto do Norte está na Índia fazendo não sei o quê – Belvoir brincou e todos riram.

– Eu daria tudo para não estar aqui, para poder voltar para Londres com vocês. Maldição! Por que aceitei essa missão?

– Você pode e vai voltar conosco – respondeu Edward.

– Não vou desertar, Edward.

– Não é deserção, irmão. O navio da Marinha Real Britânica está no porto à sua espera. Você foi liberado.

– Liberado? Como?

– Pergunte ao duque de Pudhoe – respondeu Belvoir.

– A Coroa tem uma nova missão para você, lorde Robert. Mas em Border Peace Park, em Otterbourne, em Hampshire.

– Que missão?

– Comer sua mulher, Robert – disse lorde Edward, sério, e todos os quatro gargalharam. Foram interrompidos pelo capitão Garvery que chegou.

- Vejo que comemoram algo. A guerra acabou?[\[1\]](#)
- Não, meu amigo. Mas já lutamos as nossas próprias guerras e hoje só queremos paz – disse lorde Edward.
- Partiremos amanhã bem cedo e vocês? – perguntou lorde Robert.
- Vamos juntos então. O Garbh ficará aqui na Índia.

CAPÍTULO XII

O retorno

Em Northumberland House, o clã Percy comemorava a volta dos lordes. Eliza, a condessa de Northumberland, e seus cinco filhos; Elizabeth Douglas e todos os criados, incluindo os cavaleiros, esperavam por eles na porta da mansão. Lorde Edward foi rodeado por braços e lorde Robert abraçado por Elizabeth e Mr. Mercer.

– Que bom que você está em casa, meu filho. Quase morremos de preocupação. Seu pai nem dormia mais – disse o velho mordomo, confundindo o conde seu patrão e irmão de Robert com o oitavo conde já morto.

– Obrigado, Mr. Mercer. Meu irmão Edward se preocupou à toa – o lorde frisou a palavra irmão –, não precisava ter ido me buscar como se eu fosse um garotinho.

– Sua mãe também estava muito aflita – disse Mr. Mercer, olhando para Elizabeth Douglas.

– Nossa mãe está morta, Mr. Mercer – quem respondeu foi Hotspur –, e está mais do que na hora do senhor ir morar conosco em Alnwick Castle e só brincar com as crianças no jardim.

– Venha morar em Alnwick Castle conosco, vovô. Eu vou ensinar o senhor a montar no meu pônei. O nome dele é Hotspur, não é papai? – disse Izabele, com seis anos.

– Montar no conde, seu pai? Não, minha filha! Não diga uma coisa dessas – respondeu o velhinho, que além de esquecido, estava surdo.

– Não, no papai, não! No Hotspur, vovô, o pônei que tio Belvoir me deu de presente de aniversário porque Hotspur, o cachorro, morreu de velhinho – esclareceu Bele.

Todos riram, exceto Mr. Mercer que ainda não tinha entendido.

Poucas quadras dali, em Pudhoe House, Arthur Pearl Clifford e Oliver Ashlie Stanhope, eram abraçados por Leonora e Harriet, as duquesas de Pudhoe e Belvoir. No entorno dos dois casais, que se beijavam descaradamente, estavam uma menininha agarrada às pernas do pai e um rapazinho de 10 anos com as mãos no ombro do duque.

– Papai, papai!

– Juillet, minha princesa. Venha aqui, meu amor. Dê um grande beijo

nesse seu papai. Eu estava morrendo de saudades – o duque de Pudhoe abraçou e beijou a filhinha caçula e puxou seu herdeiro, Patrick, para o mesmo abraço.

– Tio Ollie – Juillet saiu dos braços do pai e se jogou nos braços do duque de Belvoir que a beijou e rodopiou com ela no ar, fazendo a garotinha gargalhar. Ele e Harriet ainda não tinham filhos, portanto, Belvoir que era louco por crianças, tinha adotado os filhos de Pudhoe e de lorde Edward como seus sobrinhos, e os mimava trazendo-lhes os presentes mais inusitados.

– Tio Ollie. O que o senhor trouxe para mim? – perguntou Juillet.

– Juillet – Leonora a chamou, fingindo-se zangada. A menininha fez beicinho para chorar.

– Tio Ollie me prometeu, não é tia Het, que traria um bichinho de presente para mim – protestou a menininha, cruzando os braços, e batendo o pé no chão dando sinais de um temperamento decidido como o da mãe.

– E trouxe, Juille – disse Belvoir –, Mr. Oldenburg vai pegar na carruagem para você. Vai lá com ele – e a menina saiu correndo com o mordomo logo atrás, voltando com uma enorme gaiola com uma arara dentro.

– Estamos perdidos, meu amor. Ninguém mais dorme em Pudhoe House – disse Leonora, rindo, e se aproximando da exultante Juillet.

– Vamos levar Juillet e essa arara barulhenta para Wilshire hoje ainda – disse o duque.

Parada na entrada da mansão, observando a feliz cena familiar, estava lady Leanah Douglas. Só depois de muitos minutos que o duque e a duquesa de Pudhoe a notaram lá.

– Lady Leanah – disse Pudhoe –, que bom ver que está segura em casa. Lorde Robert veio conosco, está em Northumberland House, mas creio que em breve estará aqui.

Leanah sorriu timidamente e cumprimentou os recém-chegados. Logo foi cercada por Juillet e Patrick que estavam encantados com o presente.

– O presente é meu, Patrick – protestou Juillet, pois o irmão estava explicando para Leanah as habilidades da exótica ave.

ALGUMAS horas depois, na biblioteca de Northumberland House, lorde Hotspur e lorde Robert conversavam.

– Chamei-o aqui, Robert, pois sei que estava indo atrás de Leanah. Deve lembrar-se que a anulação de seu casamento com Charlotte ainda não saiu. Vai sair, não tenho dúvida alguma, pois com o depoimento bombástico de Garvery, de que a dama chegou virgem até ele, não tem porque a corte não anular o casamento. Mas, por enquanto, você ainda é um homem casado e você sabe que toda Londres está com os olhos voltados para nós.

– Pro inferno toda Londres, Edward. Até parece que o conde Hotspur esperou mansamente por Eliza. Pensa que eu não me lembro do que você fez? Vou atrás de Leanah agora mesmo, vou amá-la quantas vezes eu quiser, e depois com ou sem casamento ela irá comigo para Border Peace Park.

– Mas eu não era casado, Robert. Charlotte Mortimer ainda é Mrs. Percy. Hoje mesmo li uma carta do maldito Mortimer me cobrando uma providência. Não sei como, mas ele soube que Charlotte estava na Índia com você.

– Comigo? Aedh não permitia que ela colocasse o nariz para fora do hotel. Nunca vi homem tão ciumento. Fogo da Minha Vida está nas mãos daquele pirata há muito tempo – Robert gargalhou e Hotspur também da forma como o capitão Garvery chamava a prima.

Depois de alguns instantes: – Pudhoe não vai aceitar que coma a dama na casa dele. Ele tem uma filha...

Robert já ia refutar, quando os dois escutaram um barulho. Alguém tocava a aldrava da porta de entrada insistentemente quase arrombando-a.

Mr. Mercer, depois de cinco barulhos estridentes, foi abrir a porta.

– Meu Deus! Achei que não tivesse ninguém em casa, Mr. Mercer. Já ia entrar pelos fundos.

– Sua Graça, como vai? – o mordomo perguntou ao duque de Pudhoe. Este já passava pelo letárgico mordomo, perguntando: – Onde estão os lordes desta casa?

Pudhoe os encontrou na biblioteca.

– Pudhoe, quando tempo! Estava falando de Sua Graça agora mesmo – ironizou Hotspur. O duque desconversou e foi dizendo.

– Estou com pressa. Leonora e as crianças, e uma arara que Belvoir trouxe de presente para as crianças, estão na carruagem lá fora me esperando. Estamos indo para Wilshire.

– Mas acabou de chegar a Londres – disse lorde Edward.

– O desgraçado do Belvoir trouxe a arara e foi o primeiro a se mandar para Wilshire. Dei folga a Oldenburg, Robert, e ordenei que ele desse folga a

todos os outros empregados, exceto a um cavaleiro, pois os cavalos precisam comer.

Lorde Edward e Robert se entreolharam surpresos. Robert deu um tapa amistoso nas costas de Pudhoe e caminhou, apressadamente, para a porta, não a tempo de ouvir o duque dizendo: – A ideia foi de Leonora.

– Minha primeira filha se chamará Leonora em homenagem a duquesa – Robert respondeu com um largo sorriso.

Assim que Robert saiu, lorde Edward disse: – Mas Elizabeth ainda está lá, não?

– Não. Foi com Harriet e Belvoir na frente. Leonora e Harriet estão loucas para ter aulas com Mrs. Douglas, coisa que a sua mulher colocou na cabeça das duas.

Hotspur soltou uma sonora gargalhada.

– Olha a quantidade de filho que eu arrumei depois das tais aulas, amigo – disse lorde Edward e Pudhoe também gargalhou.

– Mas será bom para Belvoir que ainda não tem um herdeiro – Hotspur disse e os dois saíram rindo.

CAPÍTULO XIII

Fronteira da Paz

A aldrava da porta de Pudhoe House já tinha sido tocada à exaustão, quando um cavaliço tímido apareceu atrás de lorde Robert.

– Não tem ninguém para abrir a porta, milorde. O duque mandou que eu lhe entregasse a chave dos fundos.

– Por que não disse isso logo, meu rapaz? Não vê meu estado de ansiedade?

O cavaliço não respondeu e o lorde correu para a porta dos fundos.

Onde estaria ela? Ele se perguntava enquanto entrava e saía da infinidade de salas da mansão. Não sabia qual era o quarto de Leanah, mas abriria todos até encontrá-la.

Não foi necessário, Leanah estava na biblioteca. Quando ele abriu a porta ela se virou. Estava em pé, em frente a uma estante de livros e, pelo jeito, procurava por algum título específico.

– Leanah, meu amor.

Em poucas passadas ele já a tinha em seus braços e a beijava com toda a saudade que sentia.

– Robert – ela disse, emocionada.

– Meu Deus! Quase não acredito que está aqui na minha frente. Eu a amo, Leanah. Quase morri de desespero quando acordei naquele dia e você não estava na cama ao meu lado. Deus! Como fiquei desesperado ao pensar que você corria perigo e eu nada podia fazer. Ele te machucou, meu amor? Digame, pelo amor de Deus, Leanah! – e ele a beijava, abraçava, acariciava, deixando Leanah desesperada por senti-lo.

– Não, Robert. Ele não me machucou – respondeu ela, que só queria ser abraçada por ele e esquecer todos aqueles meses de sofrimento. Robert também não queria lembrar-se do passado, não daquele episódio, e recomeçou a beijá-la, segurando com as duas mãos o rosto de Leanah e tomando a boca da dama por assalto apaixonado. Ele a carregou para uma grande mesa de carvalho, à medida que a beijava, levantou a barra do vestido dela, tirou sua roupa íntima, abriu sua própria calça, e estocou, possuindo-a com toda a força de seu desejo.

Leanah gritou de prazer o nome dele e ele o dela, repetidas vezes, enquanto ambos se desmanchavam agarrados um ao outro.

Depois que suas respirações tinham voltado à normalidade, ainda agarrados um ao outro, ele a pegou no colo e subiu a escadaria de Pudhoe House em direção aos quartos.

– Qual é o seu quarto, meu amor?

Ela apontou e ele o abriu sem colocá-la no chão. Deitou-a na cama e deitou-se ao lado dela, trazendo-a para si.

– Eu a amo, Leanah. Amo, você me entende?

– Sim. Mas por que não me disse na Casa da Festa?

– Porque fui um orgulhoso, um imbecil, por isso, meu amor. Eu não te amava menos lá.

– Eu pensei que só me desejasse.

– Também. Muito. Desesperadamente. Como agora. Mas também te amava.

E ele novamente recomeçou a beijá-la.

– Agora eu lhe darei um banho. Como você fez comigo na Casa da Festa – ele disse, começando a despi-la.

Uma banheira fumegante esperava por eles, pois Leonora não era o tipo que não pensasse em tudo, nos detalhes. Ele a colocou na água e começou a lavá-la. Como ela havia feito com ele, deixando-o louco de desejo, ele fez com ela. O sabão era passado com suavidade sobre os redondos seios, e, ao contrário dela que na ocasião se mantivera em silêncio, ele falava o quanto ela era linda, o quanto ele a amava, admirava e o que ele faria com ela em seguida. Descrevia com detalhes o que faria e Leanah enrubescia.

– Não enrubesça, meu amor. Não farei nada diferente do que lady Douglas não tenha dito que os homens adoram.

Ela enrubesceu ainda mais, pois se ele fizesse as coisas que lady Douglas havia lhe dito que os homens adoravam; que não faziam com suas senhoras, mas faziam com suas amantes, ela morreria de vergonha. E de prazer!

– Foi inevitável para Leanah não se lembrar das coisas que Elizabeth lhe contava naquelas tarde as quais lhe visitava. Longas horas tomando chá em frente à lareira em que ela ouvia o que aquela dama escutara atrás das portas do seu bordel. Um hábito que Elizabeth adquirira desde jovem quando ouvira a conversa da irmã Izabele – a mãe de Eliza – com sua ama, miss Mann, na qual ela contava que um cocheiro viria buscá-la para um encontro amoroso com o jovem lorde Henry Percy, o oitavo conde pai de Robert, e fora no lugar dela, vestida com a roupa e usando o perfume da irmã. Com o tempo, esse hábito, só havia aumentado, de forma que Elizabeth sabia os segredos de

todos os devassos de Londres e, se quisesse, poderia escrever um livro contado o que realmente os homens gostam na cama, com todos os segredos de uma cortesã do reino.

Eram esses desejos que lorde Robert estava prestes a mostrar-lhe, na prática.

EXAUSTOS, depois de longas horas, lorde Robert falou: – Leanah, arrume suas coisas. Vamos para Border Peace Park.

– Mas ainda é um homem casado, Robert. A anulação ainda...

– Depois de tudo que fizemos nessa cama, meu amor! Qual a sua preocupação? O que essa maldita sociedade fez por você quando você estava na pior? Quem lhe estendeu a mão foi uma cortesã. E tem mais, Aedh e Charlotte estão vivendo como marido e mulher há muito tempo.

Robert percebeu que ela refletia e que ele venceria aquela batalha: – Sim, tem razão. Eu irei com você.

– Vamos, meu amor. Uma carruagem com meus baús já espera por nós em frente à Pudhoe House e a Fronteira da Paz aguarda por sua nova dona.

CAPÍTULO XIV

O futuro duque de Chalbeneys

Muitas milhas dali, na Cornualha, o capitão Garvery, apelido dado pelos marujos do Garbh Aedh Hauteville, por ser ele áspero e desagradável, era na verdade o futuro duque de Chalbeneys. Naquela noite preparando-se para o baile que o pai e a madrasta organizaram para recebê-lo depois de anos de ausência. Aedh nem sequer conhecia aquela sua nova madrasta, uma jovem viúva que podia ser neta do pai. O problema era que Fogo da Minha Vida tinha implicado com a dama.

Após deixar o Garbh à disposição da British East India Company, um reforço para a rota Inglaterra e Índia, ele retornara à Inglaterra a bordo do navio da Marinha Real Britânica, juntamente com os lordes Percy e os duques de Pudhoe e Belvoir. Tinha sido uma viagem tranquila e amistosa, cheia de camaradagem e recordações da época de Oxford. Mas desde que chegara a Chalbeneys House sua paz de espírito havia acabado.

– Será que não vê que a duquesa de Chalbeneys está flertando com você descaradamente? – disse Charlotte. Aedh não era menino, tinha notado, mas por nada neste mundo admitiria aquilo para Fogo da Minha Vida. Sua mulher era intempestiva e se tivesse certeza bateria na outra, a arrastaria pelos cabelos e seria uma confusão, coisa que ele pretendia evitar a qualquer custo. Assim que a anulação do casamento dela com Percy saísse, ele tomaria um navio qualquer e iria para a América. Pretendia ficar lá na fazenda pelo menos por alguns anos, senão para sempre.

– Está imaginando coisas, meu amor. A duquesa só está sendo gentil com o enteado.

– Gentileza? Gentileza mesmo dela em se oferecer numa bandeja para você.

– Venha aqui, Fogo da Minha Vida. Eu só tenho olhos para você, será que não vê isso? – Aedh a tomou nos braços, beijou-a e sentou-se com ela em seu colo. – Desejo tanto essa minha esquentada mulher que, se eu pudesse, passaria dias e noites inteiras sobre ela só apagando seu fogo. Um fogo que, graças a Deus, não tem fim – ele riu, quando ela, num movimento ousado, abriu as pernas, enlaçando-o pelo quadril. Ele levantou o vestido de festa que ela usava para descobrir que ela não usava roupa íntima.

– Meu amor! – ele exclamou, surpreso, mas também cheio de paixão. Ela

o montou desavergonhadamente e sem qualquer inibição, coisa que Aedh amava em sua mulher e temeu perder quando a memória dela retornou. Mas ela continuara a ser a apaixonada moça por quem ele se apaixonara.

Desceram atrasados. O duque, seu pai, e a duquesa já estavam impacientes, pois os convidados já tinham começado a chegar. Charlotte não estava nada satisfeita com aquele baile. Nunca se adequara a vida em sociedade. Era selvagem demais para isso. Tinha sempre uma resposta na ponta da língua, não dissimulava, não fazia beicinhos, não sorria para todo mundo, só para quem, de fato, merecesse. Também odiava estar toda enfeitada como um bibelô de Natal. Cheia de laços e fitas. Preferia mil vezes estar vestida de homem como se vestiu certa vez no Garbh. Sentiu falta do navio e do pirata que a tomava todas as noites de forma apaixonada. Lá ele era só dela e do mar. Agora tinha que dividi-lo com todas essas damas cheias de risinhos. Sem falar na duquesa que estava decidida a se entregar ao lindo enteado.

Ela procurou a mulher pelo salão de baile. Lá estava ela, pendurada no braço do enteado. Onde está aquele duque estúpido que não vê isso? Ela bufou.

Então é guerra que o senhor quer, seu maldito pirata? Então a terá. Pensou Charlotte, enfurecida de ciúmes.

Charlotte olhou pelo salão à procura de lorde Wingfield, um belo cavalheiro que lhe fora apresentado há pouco e não tirava os olhos dela. Ela olhou na direção dele. Não precisou de dois olhares, o lorde veio em sua direção e tirou-a para dançar.

Ela notara que a duquesa de Chalbeneys dançava com Aedh e a desavergonhada dama colava o corpo cheio de volúpia ao dele. Sentiu seu sangue ferver. Imediatamente ela colou seu corpo ao de lorde Wingfield. O surpreso lorde a puxou pela cintura e a aproximou ainda mais dele. Ela sentiu a ereção do cavalheiro na sua barriga e uma enorme mão no seu ombro.

– Com licença, Wingfield, mas a dama é minha mulher – e Aedh a arrastou pelo salão sem qualquer gentileza. Bingo! O Pirata voltara.

Charlotte se viu arrastada para o jardim, e dele para a praia. O vento de fim de julho estava agradável e soltava seus cabelos que se desprendiam do elaborado penteado. Aedh não falava nada, mas pela respiração dele ela percebeu que ele estava furioso. Ele, contudo, no auge de seu ciúme, sabia que ela havia feito aquilo de propósito, para enfurecê-lo, pois notara o que a outra estava fazendo. Mas ela não tinha o direito de expô-lo daquela forma,

se esfregando em outro homem na sua frente.

– Solte-me, seu bruto – ela, por fim, gritou, pois um pedaço de seu vestido tinha ficado preso numa árvore.

Aedh o puxou com força e metade dele ficou pendurado no galho. Com uma fúria, ele arrancou a outra metade e jogou-a pelos ares, desafiando-a com um olhar cortante. A lua jogava um brilho dourado sobre eles e o contraste da combinação branca que ela usava com os cabelos vermelhos era surpreendente. Ela estava irresistível.

– Bruto, seu maldito pirata devasso – Aedh a agarrou com força. Prendeu o corpo dela entre o tronco da árvore e o dele.

– Por um acaso está lhe faltando isso? – ele se esfregou nela e Charlotte ficou impressionada pela ereção dele.

Ela nada disse. Apenas olhava-o desafiadoramente. Seus olhos verdes estavam brilhando de fúria e desejo.

– Responda – ele gritou, soltando o restante dos cabelos dela com raiva. Os grampos voando longe.

Ela bateu no peito dele. Mas Aedh era muito maior e muito mais forte. Com uma única mão ele segurou os dois pulsos dela, e com a outra subiu sua combinação, penetrando-a com força. Sua boca tomava a dela com a mesma vontade. Foi rápido. Os dois estavam muito excitados, e o gozo veio minutos depois, com poucas e furiosas estocadas.

Ainda agarrado a ela, ele colocou as pernas dela em torno da sua cintura, e a levou para o mar. A água estava morna e ele mergulhou até o peito com ela no colo.

– Nunca mais faça aquilo – ele rosnou.

– Nunca mais fazer o que acabamos de fazer? – ela provocou, pois sabia exatamente a que ele se referia.

– Sabe do que estou falando. Se algum dia a vir flertando com outro homem, o matarei na sua frente.

– O que farei então quando o meu homem estiver flertando com outra mulher? – agarrada a ele, ela o desafiava. Ele continuou segurando-a junta ao seu corpo.

– Isso nunca vai acontecer – a voz dele estava terna agora.

– Mas eu vi. Ela estava colada em você.

– Assim que ela se aproximou de mim eu afastei-a. Você viu isso também?

Ela não tinha visto, pois naquele exato momento arquitetava sua

NACIONAIS-ACHERON

vingança.

– Responda, Fogo da Minha Vida. Viu que eu a afastei de mim com dureza? Aquela lá nunca mais chegará perto de mim.

– Não, eu não vi – ela respondeu envergonhada –, você me perdoa, Aedh? Eu senti tanto ciúme...

– Eu a amo, Fogo da Minha Vida – disse Aedh, beijando-a –, como nunca amei ninguém nessa minha vida errante. Amei-a em Calais ainda. Quase enlouqueci naquele navio quando não podia tocá-la.

– É por isso que fugia de mim?

Ele riu.

– Sim. Ou fugia ou te violentava. Eu te desejava tanto.

– Eu sempre te amei, Aedh. Quase morri de tristeza quando você me evitava. Eu preferia mil vezes que me violentasse.

Ele riu de novo daquela sua mulher que adorava ser tomada com força, sem nenhuma gentileza. Ele então levou-a para a areia e a tomou da forma como ela gostava e que ele amava.

Voltaram para casa quando a festa tinha terminado. No outro dia bem cedo ele levou sua mulher para o Hotel Warrens, em Londres, para muito longe da duquesa de Chalbeneys e de seu corno pai. Não tinha afeto pelo homem que apenas o gerara. O pai somente o reconheceu como filho quando percebera que não teria nenhum outro legítimo para lhe suceder no ducado. Ele já era um adolescente quando o conheceu. Fora criado pela mãe na Argentina e só então, após a morte dela, fora levado para Cornualha, onde se apaixonara pelo mar, seu melhor amigo. Aprendeu a velejar, renegou a fortuna do duque e comprou um pequeno barco com o que a sua mãe havia lhe deixado. Havia transportado de quase tudo, até ter o suficiente para comprar o Garbh. Dali em diante ele ficou rico. Não dependia do duque, seu pai, para nada, mas mantinha uma relação amistosa.

A anulação do casamento finalmente saíra. Aedh não via a hora de sair de Londres, fugir de lorde Mortimer e de seu assédio. O sogro era um maldito bajulador. Mas Charlotte também queria distância do pai. Visitou os irmãos, as cunhadas e despediu-se para sempre dos sobrinhos. Voltariam para a selvagem América, casar-se-iam lá, e lá criariam seus filhos. Aedh torcia para que tivessem os cabelos da mãe e a força de seu caráter. Ele a amava. Ela era uma brigona, ele sabia disso, Aedh riu: com Fogo da Minha Vida eu estarei sempre na fronteira da paz.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

CAPÍTULO XV

Leanah e Anandi

A casa de Border Peace Park estava lotada. Todo o clã Percy estava em Otterbourne para o casamento de lorde Robert e Leanah. O duque de Pudhoe e sua família e o duque de Belvoir com sua grávida esposa também tinham acabado de chegar. A cerimônia seria simples, numa capela na sua propriedade, ao lado da gruta que testemunhara o amor do segundo conde de Northumberland com sua amada. Um local emblemático para lorde Robert.

Lorde Edward comentara com Eliza como seu irmão e Leanah estavam emocionados. Aqueles dois tiveram que esperar muito por aquele casamento. Quantos anos se passaram? Antes lorde Davy, o conde Douglas, não permitia a união; antes disso ele próprio, por causa de uma briga ancestral entre os Douglas e os Northumberland, uma imbecilidade, pois o amor não vê contenta. Como se desafiando o ódio, o amor multiplicara. Quantos Douglas tinham se apaixonado por um deles e eles por um Douglas. O triângulo amoroso envolvendo as ladies Izabele, Elizabeth e seu pai; a sua própria Eliza era uma Douglas, e agora Leanah e Robert.

– Finalmente casados – balbuciou lorde Robert no ouvido de Leanah e ela lhe sorriu radiante. Ela, que por muitos anos tinha perdido a esperança de que aquilo ocorresse. Ele a beijou com ternura. Os convidados aplaudiram.

Depois da cerimônia, um farto desjejum esperava pelos noivos e convidados, depois disso os convidados iriam embora para deixar os recém-casados à vontade. Leanah estava linda, poucas vezes se viu noiva mais bela e mais feliz. Lorde Robert, vestindo uma casaca preta e camisa clara, era um homem feito, como seu irmão observava. Lorde Edward sempre vira o irmão mais novo como garoto. Quando ele tinha 30 anos, Robert tinha pouco mais de 20. Mas o garoto crescera, se tornara um homem, que agora já tinha 30 e ele já caminhava para, ele nem queria pensar. Tinha uma prole para cuidar, cinco filhos. Que Deus o ajudasse!

LEANAH e Robert já estavam casados havia vários anos e não tinham filhos. Aquilo não preocupava Leanah, muito menos lorde Robert que tinha sobrinhos demais para deixar sua fortuna. Mas ela notou que seu marido,

embora ela não tivesse dúvida de seu amor por ela, não tinha mais aquele desejo alucinado, coisa que ela sentia falta e temia que ele procurasse em outras mulheres. Ela sabia que desde o casamento forçado com a prima, ele se rebelara, viajara pelo mundo e experimentara muitas coisas, dentre elas mulheres, principalmente estas. Sabia que Robert tinha certos desejos secretos, pois ele já lhe dera sinais. Conhecendo tudo que se passava na mente de um homem, pois Elizabeth não lhe escondera nada, ela temia que, se não oferecesse a ele em casa, um dia ele poderia buscar fora.

Certo dia, ela tirou do baú seu antigo hobby de seda branco transparente e a sedutora camisola de Anandi. Aquela dama precisava voltar. Pintou-se como se pintara àquela vez, perfumou-se e desceu as escadas. Tinha secretamente dado folga aos empregados. Lorde Robert estava em seu escritório profundamente concentrado nos relatórios da Rapallini. Ela caminhou devagar, mas decidida como Anandi era, e se portou à frente dele, entre a cadeira e os papéis.

– Anandi – ele sobressaltara, mas reconhecera a outra, pensou Leanah. Ela nada disse.

– Ah, Anandi, senti tanto a sua falta. Por que demorou tanto a vir? – a voz dele estava rouca de desejo. Ela se abaixou na frente dele, com ele lhe tocando os seios, todo seu corpo, e abriu sua calça, soltando um membro intumescido de desejo, e colocando-o em sua boca.

– Ah, Anandi, como eu desejei isso... que saudade dessa boca, dessa língua desavergonhada.

Ele segurava a cabeça dela ao mesmo tempo em que gemia e lhe dizia todas as palavras que ele tinha vontade de dizer para sua mulher, mas não tinha coragem.

Anandi, por sua vez, usou a língua e a boca como Elizabeth lhe ensinara, fazendo Robert gritar de prazer. Alucinado, ele a colocara sobre a mesa, não de frente para ele, de frente ele colocaria sua mulher, e tomou-a com violência, sem se preocupar em ser cortês. Cortês ela era com sua mulher. Chamou-a de todos os nomes que ele gostava de chamar, sem se preocupar em ofendê-la, afinal, cortesãs não se ofendiam se fossem chamadas de vagabundas. Romantismo ele adorava, mas com sua mulher, não com sua amante.

Foi um gozo alucinado, como há meses ele não tinha.

Como entrou, Anandi saiu. Muda.

Daquele dia em diante ele passou a viver com as duas mulheres. Tinham

quartos separados também e as duas nunca se encontravam e ele também jamais falava de uma para a outra. Bastava que entrasse no quarto de uma delas, ela aparecia. Se quisesse ternura, uma dama romântica, doce, palavras de amor, compreensão, entrava no quarto de Leanah. Quando queria outra coisa, era para o quarto de Anandi que ele ia.

Elas eram tão diferentes que até as decorações dos quartos eram opostas. De Leanah suave, com cores neutras; de Anandi forte, com cores apaixonadas, ousadas. E Anandi era ousada, ciumenta, atrevida. Volta e meia ela colocava todos para fora de casa e aparecia à mesa de jantar apenas de meia até a metade da perna e corselete. Cada vez um modelo novo, nunca repetia roupa. Às vezes era controladora. Sentava-se à frente dele e o mandava beijá-la lá. Ele o fazia, louco de desejo, e depois a possuía em cima da mesa. Ela não era contida como a sua mulher, que gemia baixinho em seus ouvidos, dizendo que o amava. Anandi, não. Gritava seu gozo para quem quisesse ouvir. Ele temia que a outra os escutassem.

Noutras vezes, Anandi era submissa. Fazia aquilo que ele ordenava. E ele mandava que ela fizesse tudo aquilo que ela desejava.

Às vezes, quando iam a algum baile em Londres, ele ia com sua esposa legítima, lógico, mas essa sempre desaparecia na festa e Anandi aparecia. Ele recebia um bilhete da mão do mordomo, ou um recado de um criado qualquer, no qual dizia que sua esposa estava passando mal na biblioteca. Ele se dirigia para lá correndo para encontrar a biblioteca às escuras. Ele só ouvia o clic da fechadura e podia chamar por Anandi que ela aparecia. Agarrava-o e o levava para um sofá, abria-lhe as calças e Deus! Ela sabia como deixar um homem louco. O pior é que naquela escuridão toda, ele nunca sabia se aquela boca quente era mesmo a dela. Podia ser de qualquer outra dama atraente que ele tivesse visto no salão. Imaginar isso o deixava ainda mais louco de desejo de possuí-la. E ele possuía com paixão. Geralmente levava-a para o chão, colocava à sua frente, e penetrava sem dó. Sim. Ele era um devasso.

A dama logo depois desaparecia. Como Anandi estava sempre em silêncio, e eles nunca falassem sobre esses encontros, nem com Anandi, muito menos com Leanah, ele nunca saberia quem estivera lá com ele. A sua imaginação ia cada vez mais longe, deixando-o muito excitado, e cada vez mais ele se apaixonava pelas duas mulheres que Leanah se tornara. Não havia rotina, nada que o detivesse mais tempo que o estritamente necessário para tratar de negócios em Londres, lorde Robert estava sempre ansioso para voltar para casa, local onde ele encontraria ternura e amor com Leanah e

paixão com Anandi.

Houve época em que ele temeu que Leanah sentisse ciúmes de Anandi, pois ele a amava demais – amava as duas, que isso fique muito claro –, mas Leanah nunca pareceu perceber a presença da outra. Sorte dele, pois teria as duas. Sempre.

FIM

LEIA TAMBÉM

Se você leu os quatro livros da série Quarteto do Norte se deparou com o conde francês Filippo Raspail. Se tiver interesse em ler a sua história, entre em contato com a autora. Uma história de um amor perdido e de uma reparação poderá ser contada em Quando os Céus Conspiram.

Confira a sinopse:

Amy Hayes escapara de ser estuprada por lorde Patchetts para dois anos depois ser violentada por um filho bêbado de um fazendeiro local. Desonrada, com seu nome na boca do vilarejo, ela foge para Londres em busca de trabalho. Mas Amy era bonita demais e nenhuma lady a quis como serviçal, restou a ela, portanto, A Casa das Damas, um conhecido bordel londrino que mantinha uma carruagem e criados de libré para suas damas da noite, as quais eram ensinadas a portarem-se como ladies. Quando o visconde de Beauchamp, um dos lordes mais terríveis de Londres, virou seu protetor, ela caiu em total desgraça. Obrigada a ir com ela para Paris, num esquema de traição à Coroa Britânica, ela é salva pelo conde Filippo Raspail, um nobre que, como ela, tinha um passado infeliz.

CONHEÇA A SINOPSE DOS DEMAIS LIVROS DA SÉRIE

Se você ainda não leu os demais livros da série Quarteto do Norte, conheça suas sinopses:

A Estrangeira O primeiro livro da série Quarteto do Norte.

No século XIX, o conde de Northumberland, um dos descendentes de Sir Percy, um cavaleiro medieval envolvido na Batalha de Otterbourne, travava uma luta bem menos sangrenta. Obrigado por honra a se casar com uma prima por quem ele não nutria nenhuma simpatia, ele se depara com uma misteriosa recém-chegada às imediações de Alnwick. A misteriosa estrangeira, vestida à moda de vinte anos atrás, mexe com a imaginação de todo o condado e, principalmente, com a vida do conde. Pouco se sabe sobre a moça, apenas que é metade inglesa e metade prussiana. Com apenas alguns Shillings e um cão, que apareceu sem ser convidado, a vida de Eliza se cruza com a do conde Hotspur, o cavaleiro que herdara de seu antepassado, além do apelido, o ímpeto e a beleza. Entretanto, fala-se no condado que o clã Northumberland, além de ter a estranha tradição de casar-se com primos, no passado casava-se com seus próprios irmãos. O encontro entre o conde Hotspur e a pobre dama vai desenterrar antigas contendas: ela querendo se esconder e ele desvendar o passado.

Inspirado na Batalha real de Otterbourne, A Estrangeira narra duas histórias ao mesmo tempo. Embora intercaladas por 442 anos, a primeira influenciará a segunda: o amor proibido de Sir Percy Hotspur por Miss Evans, e o envolvimento do conde Hotspur, com Eliza. Ambas cheias de mistério, mas desconcertantemente belas.

A Ama Inglesa O segundo livro da série O Quarteto do Norte

Desde pequena, a menina Leonora se perguntava por que sua mãe sabia ler e escrever em dois idiomas e o pai sequer sabia ler em um deles. Instruída pela mãe francesa, a filha de um simples cuidador de cavalos muito cedo se vê sozinha no mundo, à mercê de uma tia autoritária e de um padrasto

violador. Um encontro na infância provoca uma reviravolta em sua vida e ela vai trabalhar como ama da duquesa viúva de Pudhoe, uma dama autoritária, mas que a respeitava. Entretanto, quando lady Muriel Browne chega de Londres para passar uma temporada em Pudhoe Castle, no Norte da Inglaterra, tudo à sua volta muda. Leonora começa a ser destrutada pela duquesa e até pelos outros servos, até então seu amigos.

Numa noite gelada em Newcastle, sem ter para onde ir, ela acaba se abrigando no celeiro, aconchegada à vaca da duquesa, para não morrer de frio. Ali ela é acordada brutalmente pelo capataz da propriedade e amparada por aquele cuja imagem permeara seus pensamentos durante cinco longos anos, o poderoso duque de Pudhoe, conhecido em toda a Europa por Lorde Perverso. Mas Leonora não o via assim. Pelo contrário. Achava-o caridoso. Afinal, se não fosse por ele, certamente não teria sobrevivido àquela noite.

Um cocheiro em Paris *O terceiro livro da série O Quarteto do Norte*

Quando o duque de Belvoir teve que sair às pressas da casa de Juliette Drouet, a amante de Victor Hugo, para não ser pego em flagrante pelo próprio escritor, sua única alternativa foi dirigir a própria carruagem pelas vielas de Paris. O que ele não esperava, contudo, era que tivesse que socorrer uma dama que acabara de chegar à cidade. A carruagem do Hôtel de Ville, que fora buscá-la no porto, havia quebrado um eixo e ele passava no exato momento do acidente. Não teve alternativa senão esconder a sua identidade, pois a jovem estava acompanhada justamente da ordinária baronesa viúva de Patchetts, uma antiga vizinha do duque seu pai, no Norte da Inglaterra. Tudo o que ele — o duque inglês bastardo — não podia, naquele momento, era ser reconhecido. Assim, apresentou-se como o cocheiro do conde Filippo Raspail e prestou socorro às damas.

Fruto da relação de um poderoso duque inglês, que não tivera filhos no casamento, com uma cortesã francesa, Belvoir — assumido pelo pai — vivia uma vida desregrada em Paris. Embora na juventude tivesse tido certa proteção moral por parte dos amigos, o duque de Prudhoe e o conde de Northumberland, sofrera muita rejeição da aristocracia britânica, sendo chamado de ‘lorde bastardo’. Por isso, tinha convicção absoluta de que nunca se casaria com a filha de nenhum deles. Belvoir só não contava que Harriet Neville, a lady que socorrera, se apaixonaria de verdade por ele, mesmo achando que fosse um humilde cocheiro.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

ENCONTRE A AUTORA

Chirlei Wandekoken é jornalista, coordena a área editorial da Pedrazul Editora, a qual foi idealizadora juntamente com seus sócios. É apaixonada pelos livros desde criança e, atualmente, a sua preferência literária, além dos clássicos ingleses, são os romances contemporâneos de época e os históricos. Além de A Estrangeira, o primeiro livro da série independente O Quarteto do Norte, é dela também os demais livros da série: A Ama Inglesa, Um Cocheiro em Paris e Fronteira da Paz. A autora possui mais dois romances publicados, ambos contemporâneos, cujos enredos se passam no Brasil: Por Trás da Escuridão e O Vento de Piedade.

Facebook: Chirlei Wandekoken **e-mail:** chirleischumacher@gmail.com

[1] A guerra de Folly de Auckland continuou até 1842 e os britânicos perderam.